

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER  
STM EM NOVO TESTAMENTO

**A INVERSÃO DA CONDIÇÃO DO RICO AVARENTO APÓS A MORTE  
UMA EXEGESE DA PARÁBOLA DO RICO E LÁZARO**

ANDRÉ ALOÍSIO OLIVEIRA DA SILVA

São Paulo

2018

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER  
STM EM NOVO TESTAMENTO

**A INVERSÃO DA CONDIÇÃO DO RICO AVARENTO APÓS A MORTE  
UMA EXEGESE DA PARÁBOLA DO RICO E LÁZARO**

Exegese apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper como requisito para aprovação na disciplina Metodologia Exegética Aplicada ao Novo Testamento, ministrada pelos Profs. Rev. Daniel Santos Jr e Rev. João Paulo T. Aquino.

ANDRÉ ALOÍSIO OLIVEIRA DA SILVA

São Paulo

2018

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	4
TEXTO BÍBLICO.....	6
1 ESTUDO CONTEXTUAL .....	7
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO.....	7
1.2 CONTEXTO LITERÁRIO.....	9
1.2.1 Contexto do livro de Lucas como um todo .....	9
1.2.2 Contexto remoto de Lucas 9.51-19.40 .....	10
1.2.3 Contexto próximo de Lucas 14.25-17.10 .....	12
1.2.4 Estrutura do contexto próximo de Lucas 14.25-17.10 .....	15
1.3 CONTEXTO CANÔNICO.....	16
1.3.1 Antigo Testamento.....	16
1.3.2 Novo Testamento .....	17
2 ESTUDO TEXTUAL .....	20
2.1 TEXTO GREGO .....	20
2.2 TRADUÇÃO LITERAL.....	22
2.3 TRADUÇÃO DINÂMICA .....	23
2.4 DEFESA DA PERÍCOPE E DIVISÕES .....	24
2.5 ESBOÇO MECÂNICO .....	25
2.5.1 Esboço mecânico do texto grego.....	26
2.5.2 Esboço mecânico da tradução literal .....	27
2.6 DEFINIÇÃO DE GÊNERO E SUBGÊNERO LITERÁRIO.....	29
2.7 COMENTÁRIO .....	31
2.7.1 O rico e Lázaro nesta vida (vv.19-21) .....	31
2.7.2 O rico e Lázaro depois da morte (vv.22-31) .....	33
2.8 MENSAGEM PARA A ÉPOCA DA ESCRITA .....	40
3 ESTUDO TEOLÓGICO .....	41
3.1 MENSAGEM PARA HOJE .....	41
3.2 TEOLOGIA DO TEXTO .....	41
3.2.1 Implicações para a Teologia Bíblica.....	41
3.2.2 Implicações para a Teologia Sistemática .....	42
3.2.3 Implicações para a Teologia Prática .....	45
CONCLUSÃO.....	46

REFERÊNCIAS.....48

## INTRODUÇÃO

A passagem sobre o rico e Lázaro, em Lucas 16.19-31, aparece apenas no Evangelho de Lucas, assim como muito material, inclusive parábolas, da seção de Lucas 9.51-19.44. Ela tem sido usada (e talvez abusada) para propósitos bem distintos, alguns utilizando-a para especular sobre detalhes do estado intermediário, outros aplicando-a de forma marxista para questões econômicas. Diante de tão variados usos, uma exegese histórico-gramatical-teológica faz-se necessária para uma melhor compreensão e aplicação da passagem.

O objetivo do autor com tal pesquisa exegética é resolver os problemas exegéticos mencionados abaixo, trazendo, assim, uma contribuição à discussão acadêmica sobre esta passagem, ainda que de forma modesta, e servindo de auxílio a outros pastores na pregação a partir deste texto.

Sobre os problemas contextuais, a passagem recebe alguma influência judaica, egípcia, greco-romana ou não? Qual é a relação da passagem com o seu contexto literário imediato, especialmente os versos anteriores do capítulo 16? Qual é a relação deste Lázaro com o Lázaro de Betânia ou desta história com João 11? Há alguma alusão à ressurreição de Jesus?

Quanto aos problemas literários, a passagem é uma parábola ou uma história real? Se é uma parábola, por que um dos personagens é chamado pelo nome (Lázaro)? Como o gênero literário desta passagem influencia em seu significado e aplicação, inclusive para a doutrina do estado intermediário? Quão literais são as descrições que a passagem apresenta sobre a vida após a morte?

Sobre os problemas semânticos, o fato de os cães lamberem as feridas de Lázaro é algo positivo ou negativo?

Finalmente, em relação aos problemas teológicos, o que é o seio de Abraão? O que é o Hades? O que é o abismo que separa esses dois lugares? Por que o pobre vai para o seio de Abraão e o rico, para o Hades? Por que o rico chama Abraão de “pai” e é chamado por Abraão de “filho”? Esta passagem pode ser aplicada às questões da pobreza e da riqueza de uma forma semelhante à que faz a teologia da libertação?

Diante desses problemas exegéticos que o autor pretende resolver, fica evidente a relevância deste trabalho. As respostas a essas perguntas são importantes não só para a academia, mas também e especialmente para a igreja, e isso em duas áreas principais: escatologia (doutrina das últimas coisas) e ética cristã.

Ao resolver esses problemas, a tese do autor é que a passagem de Lucas 16.19-31 ensina que a condição do rico avarento será invertida após a morte (v. 25) de forma irreversível (v. 26) e que a única forma de se evitar esse destino é através de ouvir as Escrituras (v. 29), não de contemplar milagres (v. 31).

O autor resolve esses problemas e defende essa tese em três capítulos: primeiro, o estudo contextual, onde são examinados os contextos histórico, literário e canônico da passagem em questão; segundo, o estudo textual, onde a passagem é analisada a partir do texto grego até a determinação da sua mensagem para a época da escrita; e terceiro, o estudo teológico, onde são apresentadas a mensagem da passagem para os dias atuais e também sua teologia, com implicações para as teologias bíblica, sistemática e prática.

## TEXTO BÍBLICO

**19** Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que, todos os dias, se regalava esplendidamente. **20** Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele; **21** e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham lambe-lhe as úlceras. **22** Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado. **23** No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio. **24** Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. **25** Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos. **26** E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós. **27** Então, replicou: Pai, eu te imploro que o mandes à minha casa paterna, **28** porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este lugar de tormento. **29** Respondeu Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. **30** Mas ele insistiu: Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão. **31** Abraão, porém, lhe respondeu: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos. (Lucas 16.19-31 ARA<sup>1</sup>).

---

<sup>1</sup> ARA: Versão Almeida Revista e Atualizada.

## 1 ESTUDO CONTEXTUAL

Neste capítulo são examinados o contexto histórico, o contexto literário e o contexto canônico de Lucas 16.19-31.

### 1.1 CONTEXTO HISTÓRICO

O destinatário de Lucas é Teófilo, cujo nome significa “amado de Deus” ou “amigo de Deus”. Como Lucas o chama de “excelentíssimo”, Teófilo deveria ser alguém importante. É possível que Teófilo fosse o mecenas de Lucas, aquele que pagou os custos da publicação deste Evangelho, e por isso Lucas dedica o Evangelho a ele.<sup>1</sup> Como tal, Teófilo era alguém rico, o que pode explicar o interesse de Lucas por questões relacionadas às riquezas.

Uma questão muito importante em termos de contexto histórico da passagem do rico e Lázaro tem relação com a influência externa recebida pela passagem. Estudiosos têm defendido uma influência egípcia, greco-romana ou judaica.

Gressmann<sup>2</sup> é o pioneiro em defender que a passagem de Lc 16.19-31 é similar a uma lenda popular egípcia. Nessa lenda, um egípcio morre e se reencarna como Si-Osiris. Um dia seu pai lhe conta sobre um rico que teve um funeral suntuoso e um pobre que só foi sepultado. Então, Si-Osiris leva seu pai à terra dos mortos, onde mostra o rico em tormentos e o pobre no luxo, explicando a razão para isso no sentido de que as obras boas do pobre superaram suas obras más, e as obras más do rico superaram suas obras boas. O fato de que certos manuscritos egípcios contendo Lc 16.19-31 trazem um nome para o rico (Νευης, que alguns defendem ser um erro escríbal para o nome Νινευης, “Nínive”)<sup>3</sup> tem sido usado como argumento em favor de uma influência egípcia, pois especula-se que esse nome teria derivado de uma forma egípcia dessa história.<sup>4</sup>

Hock<sup>5</sup> defende que a história do rico e Lázaro recebe influência de todo o mundo greco-romano. Ele trata em especial de fontes cínicas, como as obras *Gallus* e *Cataplus*, de

---

<sup>1</sup> Cf. CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 131,132.

<sup>2</sup> Cf. GRESSMANN, H. Vom reichen Mann und armen Lazarus: eine literargeschichtliche Studie, *Philosophisch-historische Klasse*, Berlin, n. 7, 1918. Cf. MARSHALL, I. Howard. *The Gospel of Luke*. Exeter, UK: The Paternoster, 1978, p. 633, para uma explicação dessa proposta em inglês. Morris também comenta sobre essa proposta: MORRIS, Leon. *Lucas: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 237.

<sup>3</sup> Cf. nota de rodapé 3 no capítulo 2 deste trabalho.

<sup>4</sup> Cf. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 633, que menciona isso, sem concordar.

<sup>5</sup> Cf. HOCK, R. F. Lazarus and Micylus: Greco-Roman backgrounds to Luke 16:19-31. *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, GA, v. 106, n. 3, p. 447-463, set. 1987.



Luciano de Samósata, no século II. Nessas obras, um pobre é comparado com ricos, apresentando muitos paralelos com Lázaro. Depois da morte, a situação deles é invertida: o pobre fica com os virtuosos nas ilhas do Abençoado, enquanto o rico é proibido de beber das águas do rio Lete, um rio do Hades cujas águas provocam esquecimento, e assim é condenado a sempre se lembrar do que fez na terra. O motivo desse destino é apresentado: o pobre tem uma alma pura, enquanto o rico tem uma alma negra. A alma negra do rico não se deve às suas riquezas em si mesmas, mas ao seu uso hedonista delas.

Gilmour<sup>6</sup> segue na mesma linha de Hock e traça paralelos entre a passagem de Lucas e o livro 11 da Odisseia de Homero. Nesse livro, Odisseu faz uma viagem ao Hades, onde há temas semelhantes aos da história do rico e Lázaro: um abismo de separação, sede não satisfeita, riquezas em vida não trazendo satisfação na morte, preocupação dos mortos com pessoas queridas que estão vivas, o valor do sepultamento, um homem sábio na outra vida.

Regalado,<sup>7</sup> por outro lado, defende uma influência mais judaica para a passagem. Ele chama a atenção para a presença de elementos distintamente judaicos na parábola: o fato de que Lázaro não foi sepultado, o que era visto pelos judeus como uma maldição; o termo “seio de Abraão”; a presença de Abraão como um pai; a força dos vínculos familiares até para o rico, o que era algo muito presente entre os judeus; o Hades apresentado em termos do Sheol do Antigo Testamento; a condição irreversível após a morte; e o termo “Moisés e os profetas” como uma referência ao Antigo Testamento.

De fato, a lenda popular egípcia de Si-Osiris entrou na tradição judaica e aparece em sete versões, a mais antiga tratando de um estudioso pobre e um publicano rico. O publicano rico tem um grande funeral, enquanto o estudioso pobre tem um funeral simples. Mas um amigo do estudioso pobre tem um sonho em que vê o pobre em jardins paradisíacos ao lado de fontes de águas, enquanto o rico está à margem do rio, mas incapaz de alcançar a água.<sup>8</sup> Em outra lenda judaica, um marido se arrepende depois que sua esposa (que havia morrido) envia e ele uma advertência do mundo dos mortos.<sup>9</sup>

Essas propostas de influência não são excludentes. É muito provável, por causa das semelhanças, que a história contada por Jesus e registrada por Lucas tenha sido influenciada por essas histórias, mais diretamente pelas lendas judaicas, e indiretamente pelas lendas

---

<sup>6</sup> Cf. GILMOUR, M. J. Hints of Homer in Luke 16:19-31. *Didaskalia*, Otterburne, MB, v. 10, n. 2, p. 23–33, mar./mai. 1999.

<sup>7</sup> Cf. REGALADO, F. O. The Jewish background of the Parable of the Rich Man and Lazarus. *The Asia Journal of Theology*, Quezon City, Filipinas, v. 16, n. 2, p. 341–348, out. 2002.

<sup>8</sup> Cf. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 633.

<sup>9</sup> Essa lenda é mencionada por Bultmann, segundo MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 634.

egípcias e greco-romanas, nessa ordem. Ao mesmo tempo, não se pode minimizar as diferenças e deixar de reconhecer que a história do rico e Lázaro é única. Uma das principais diferenças é que essas outras histórias não se interessam pela atitude do rico ao usar suas riquezas, o que é fundamental em Lc 16.19-31. Isso deve levar a um reconhecimento de que, apesar dessas tradições proverem um certo pano de fundo para a história do Evangelho, não se pode fazer delas uma chave hermenêutica para interpretar essa história, como se os ouvintes originais (tanto os que ouviram Jesus quanto os que leram o Evangelho de Lucas) conhecessem essas tradições.<sup>10</sup>

## 1.2 CONTEXTO LITERÁRIO

Nesta seção são examinados o contexto do livro de Lucas como um todo, o contexto remoto de Lucas 9.51-19.40 e o contexto próximo de Lucas 14.25-17.10, sendo apresentada, por fim, uma estrutura do contexto próximo.

### 1.2.1 Contexto do livro de Lucas como um todo

Vários temas que aparecem na passagem do rico e Lázaro aparecem também em todo o Evangelho de Lucas.

O interesse de Lucas pelo pobre, que em Lc 16.19-31 é Lázaro, aparece também em 2.24, quando os pais de Jesus dão como oferta a quantia estabelecida para os pobres em Lv 12.8, indicando que a família de Jesus era pobre, e aparece no início do ministério de Jesus, quando ele lê Is 61.1,2, que fala sobre “evangelizar os pobres” (o que também é citado em Lc 7.22). Outra passagem que demonstra esse interesse pelo pobre é 14.11-13,21, quando Jesus aconselha a se convidar pobres e outros desprezados para um banquete.<sup>11</sup>

A advertência contra o mau uso das riquezas, que é um dos pontos principais na história do rico e Lázaro, aparece na parábola do rico insensato (12.13-21), na parábola do administrador infiel (16.1-13) e na história do jovem rico (18.18-27), e exemplos positivos são apresentados na história de Zaqueu (19.1-10) e na oferta da viúva pobre (21.1-4).<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Cf. NOLLAND, John. *Luke 9:21-18:34*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1993.

<sup>11</sup> Cf. CARSON, *Introdução ao Novo Testamento*, p. 146.

<sup>12</sup> Cf. CARSON, *Introdução ao Novo Testamento*, p.147.

A inversão da condição do rico e do pobre que ocorre em Lc 16.19-31 aparece também em 1.53 (“Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos” – ARA) e em Lc 6.20-26, nas bem-aventuranças aos pobres e nos ais contra os ricos.<sup>13</sup>

O tema do castigo futuro, que aparece em Lc 16.19-31, não aparece em muitos outros lugares de Lucas. O termo ᾗδης (Hades) de Lc 16.23 só aparece em 10.15 (“Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno [ᾗδου]” - ARA). E o termo γέεννα (indicativo do lugar definitivo de punição depois da ressurreição) só aparece em 12.5 (“[...] teme aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno [γέενναν] [...]” - ARA). Outras passagens que falam de um castigo futuro sem usar esses termos são 12.25-48,58-59; 13.28.

Outros temas da passagem do rico e Lázaro que aparecem em Lucas são a lei e os profetas (24.27,44), o fim do tempo da oportunidade (12.20,39,40,58,59), Abraão como pai (3.8; 13.16; 19.9), a pouca importância das relações de parentesco (às quais o rico parece se apegar em 16.24; cf. 3.8; 8.19-21; 11.27,28) e o pedido “tem misericórdia de mim” (17.13; 18.38,39).

Lucas pode ser dividido em cinco partes:<sup>14</sup>

I. Prefácio (1.1-4)

II. Antecedentes do ministério de Jesus (1.5-4.13)

III. O ministério de Jesus na Galileia (4.14-9.50)

IV. O ministério de Jesus a caminho de Jerusalém (9.51-19.40)

V. O ministério de Jesus em Jerusalém (19.41-24.53)

A perícopé do rico e Lázaro aparece na quarta parte, que descreve o ministério de Jesus a caminho de Jerusalém e que se constitui no contexto remoto para a passagem.

## 1.2.2 Contexto remoto de Lucas 9.51-19.40

Em Lucas 9.51, “ao se completarem os dias em que devia ele [Jesus] ser assunto ao céu, manifestou, no semblante, a intrépida resolução de ir para Jerusalém” (ARA). A partir de então, Jesus começa uma longa viagem a Jerusalém (cf. 9.51,57; 10.1,38; 13.22; 14.25; 17.11; 18.31,35; 19.1,11,28). A história do rico e Lázaro se encontra nesta seção.

<sup>13</sup> Stein afirma que inversão profetizada em Lc 6.20-26 se cumpre na história do rico e Lázaro: cf. STEIN, Robert H. *Luke*. Nashville, TN: Broadman, 1992, p. 425.

<sup>14</sup> Essa estrutura é muito semelhante à de CARSON, *Introdução ao Novo Testamento*, p.123-125.

Como já mencionado, esta seção contém importantes passagens que tratam sobre as riquezas e estão relacionadas com Lc 16.19-31. Em 12.13-21, um homem deseja que seu irmão reparta a herança com ele e pede a Jesus que ordene isso a seu irmão. Jesus, então, passa a advertir contra o perigo da avareza e conta a parábola de um homem rico que, depois de fazer planos em relação às suas riquezas, tem sua alma pedida por Deus e tem que deixar todos os seus bens para trás.<sup>15</sup>

Logo em seguida, Jesus passa a advertir os seus discípulos contra a ansiedade (12.22-34) e termina dizendo: “Vendei os vossos bens e dai esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastem, tesouro inextinguível nos céus, onde não chega o ladrão, nem a traça consome, porque, onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (12.33,34 ARA). Ele continua contando a parábola do servo vigilante (12.35-48) e diz, entre outras coisas, que o mordomo fiel e prudente é aquele a quem o senhor confiou “os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo” e que é encontrado fazendo assim quando o senhor vier (12.42,43 ARA). À luz do contexto, esse sustento que o mordomo deve dar aos conservos deve ser interpretado como as esmolas que os discípulos deveriam dar. Não fazer isso implicaria em um castigo: ser punido com açoites (12.47,48).

Em 14.1-24, Jesus participa de um banquete na casa de um fariseu e, entre outras coisas, diz ao anfitrião que, quando ele der um banquete, não deve convidar conhecidos, para que não seja convidado por eles e receba a recompensa nesta vida. Pelo contrário, “ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos” (14.13,14 ARA). Em seguida, Jesus conta uma parábola onde mostra que o próprio Deus é alguém que convida os pobres e os desprezados para o seu banquete (14.21).

Em 18.18-30, é narrada a história do jovem rico. Ao questionar Jesus sobre o que deveria fazer para herdar a vida eterna, e ao ser exortado por Jesus a vender tudo o que tinha, dar aos pobres para ter um tesouro no céu e seguir a Jesus, o rico fica triste. Jesus, então, fala sobre a dificuldade de um rico entrar no reino de Deus, e afirma que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha. Os discípulos, então, perguntam “quem pode ser salvo?”, ao que Jesus responde que “Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus” (18.27 ARA).

---

<sup>15</sup> Cf. NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*.

A prova de que isso é possível aparece em 19.1-10, quando um publicano rico de nome Zaqueu decide dar metade dos seus bens aos pobres e restituir quatro vezes mais àqueles a quem ele defraudou.

De 14.25 a 17.10 tem-se o contexto próximo de Lc 16.19-31, que também contém ensinamentos sobre as riquezas.

### 1.2.3 Contexto próximo de Lucas 14.25-17.10

Esta seção se inicia em 14.25 com grandes multidões acompanhando Jesus (presumivelmente a caminho de Jerusalém). Então, em 14.26-35, Jesus as desafia, mostrando que, para segui-lo, é necessário um compromisso radical, o que inclui, entre outras coisas, renunciar a todos os “bens”<sup>16</sup> (14.33). Ele encerra dizendo: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (14.35b ARA).

Em 15.1, os que respondem ao chamado de Jesus são os publicanos e pecadores, que se aproximam de Jesus para o ouvir. Jesus, por sua vez, os recebe e come com eles, o que leva os fariseus e os escribas a murmurar contra Jesus (15.2). Então, Jesus conta três parábolas (15.3-32) aos fariseus (ovelha perdida, dracma perdida e filho pródigo), mostrando que eles deveriam se alegrar com o amor de Jesus pelos pecadores.

Em 16.1, Jesus se dirige aos seus discípulos e conta a parábola do administrador infiel (16.1-13). Nessa parábola, quando o administrador infiel é descoberto pelo seu senhor, ele diminui a dívida dos devedores do seu senhor, para que quando perder o emprego seja recebido por esses amigos em suas casas. A lição da parábola é que os discípulos deveriam fazer algo semelhante ao administrador infiel: “E eu vos recomendo: das riquezas de origem iníqua fazei amigos; para que, quando aquelas vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos eternos” (16.9 ARA). Em outras palavras, os discípulos deveriam dar das riquezas de origem iníqua (literalmente, “Mamon da iniquidade”, os recursos que Deus dá e que as pessoas usam mal) àqueles que precisavam, para que fossem recebidos por essas pessoas nos tabernáculos eternos (presumivelmente após a morte, como na história do rico e Lázaro). Mas ao contrário do administrador infiel, os discípulos deveriam ser fiéis na aplicação do alheio (aquilo que lhes foi confiado como mordomos). Jesus conclui dizendo que ninguém pode servir a dois senhores, a Deus e às riquezas (literalmente, “Mamon”).<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> A palavra grega é *ὕπαρχω*, que no plural muitas vezes significa “bens”: Lc 8.3; 11.21; 12.15,33,44; 16.1; 19.8.

<sup>17</sup> Cf. MORRIS, *Lucas*, p. 231-235.

Os fariseus ainda estão presentes, ouvem também essa parábola dirigida aos discípulos e, por serem avarentos, ridicularizam Jesus (16.14). Então, Jesus se dirige a eles em 16.15-31.<sup>18</sup>

No v.15, Jesus afirma que os fariseus são pessoas que justificam a si mesmas diante dos homens, apresentando-se a si mesmos aos homens como pessoas que vivem em obediência à lei de Deus, e as suas riquezas como evidência da bênção de Deus em resposta à sua obediência. Porém, Deus conhecia o coração dos fariseus e, assim, sabia que eles não obedeciam realmente à lei. E mais: aquilo que é elevado entre os homens, como as riquezas e o orgulho por causa delas, é “abominação” diante de Deus, e a palavra “abominação” é usada no Antigo Testamento, entre outras coisas, como uma descrição da idolatria (Dt 7.25; cf. Lc 16.13, sobre servir a dois senhores).

No v.16, Jesus continua dizendo que “A Lei e os Profetas vigoraram até João; desde esse tempo, vem sendo anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo homem se esforça por entrar nele” (ARA). A Lei e os Profetas representam as Escrituras do Antigo Testamento. João, como o último profeta do Antigo Testamento, iniciou um novo período na história da redenção, em que o evangelho do reino de Deus começou a ser anunciado (Mt 3.2). Para entrar nesse reino é necessário esforço, porque a porta é estreita (Lc 13.24). Esse esforço envolve, entre outras coisas, se desapegar de todos os bens (Lc 14.33). Porém, os fariseus não estavam dispostos a fazer esse esforço. Para evitar que alguém pensasse que as Escrituras do Antigo Testamento perderiam a validade, Jesus afirma no v.17 que “é mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til sequer da Lei” (ARA).

Para mostrar que os fariseus não obedeciam à lei, no v.18, Jesus afirma, com base em Dt 24.1-4, que “Quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério; e aquele que casa com a mulher repudiada pelo marido também comete adultério” (ARA), um mandamento que era frequentemente desobedecido pelos fariseus da escola de Hillel. Jesus cita esse mandamento com respeito ao divórcio porque ele está no mesmo capítulo de Deuteronômio que trata sobre o cuidado com os pobres (Dt 24.14,15), onde os fariseus, em sua avareza, também falhavam.

Então, em 16.19-31, ainda dirigindo-se aos fariseus, Jesus conta a história do rico e Lázaro.

Essa passagem está intimamente relacionada a 16.14-18. Stein afirma que “A parábola do homem rico e Lázaro está conectada com o que precede, tanto como um exemplo (16.19-

---

<sup>18</sup> Os comentários em 16.15-18 são baseados em um sermão não publicado do autor. Cf. também MORRIS, *Lucas*, p. 235,236.

26) de um homem que era um amante do dinheiro (16.14) e que tolamente fez um uso pobre das suas possessões (16.9-13), quanto como um exemplo (16.27-31) da validade contínua da lei e dos profetas (16.16-18)".<sup>19</sup> Esse relacionamento mostra que o rico foi para o inferno não sem motivo, mas por ser ímpio ao não fazer um uso bíblico das riquezas.<sup>20</sup>

A passagem do rico e Lázaro também está relacionada com a parábola do administrador infiel (16.1-13). Ambas as parábolas iniciam com “Havia certo homem rico” (ἄνθρωπός τις ἦν πλούσιος - 16.1,19) e se relacionam com o uso das riquezas. O uso positivo das riquezas é apresentado na parábola do administrador infiel e sua aplicação por Jesus, e o uso negativo é apresentado na passagem do rico e Lázaro. Além disso, ambas as passagens convocam a uma administração responsável dos recursos nesta vida tendo em vista a outra vida (16.7; 16.22-31). Nesse sentido, a passagem de 16.14-18 funciona como uma costura que une a mensagem geral das duas passagens.<sup>21</sup>

Lc 16.19-31 também tem ligações linguísticas e temáticas com a parábola do filho pródigo em 15.11-32.<sup>22</sup> O verbo “celebrar” (εὐφραίνω) é usado tanto em 16.19, para descrever o rico festejando de dia em dia esplendidamente, quanto em 15.23,24,29,32 para descrever a festa que o pai preparou para o filho pródigo. Além disso, assim como, em 16.21, Lázaro estava desejando ser alimentado (ἐπιθυμῶν χορτασθῆναι) das coisas que caíam da mesa do rico, em 15.16, o filho pródigo desejava ser alimentado (ἐπεθύμει χορτασθῆναι) das alfarrobas que os porcos comiam. Outra ligação está na forma como o “pai Abraão” se dirige ao rico (“filho”, τέκνον) em 16.25, que é igual à forma como o pai se dirige ao filho mais velho na parábola do filho pródigo em 15.31.<sup>23</sup>

Finalmente, em 17.1-10, Jesus se dirige mais uma vez aos discípulos. Ele fala primeiro sobre o perigo dos escândalos, tendo em vista os fariseus que levavam pessoas a tropeçarem por distorcerem a lei nos pontos em que ela tratava sobre o uso correto das riquezas e o cuidado com os pobres (17,1,2).<sup>24</sup> E então prossegue falando sobre como devem tratar o pecado e o pecador, e isso com fé (17.5,6) e humildade (17.7-10). A seção termina aqui, pois

<sup>19</sup> STEIN, *Luke*, p. 421. Minha tradução.

<sup>20</sup> Cf. GREEN, Joel B. *The Gospel of Luke*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997, p. 604,605.

<sup>21</sup> Cf. STORY, J. L. Twin parables of stewardship in Luke 16. *American Theological Inquiry*, Minneapolis, MN, v. 2, n. 1, p. 105–120, 15 jan. 2009, p. 105.

<sup>22</sup> Cf. NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*; MORRIS, *Lucas*, p. 237; KILGALLEN, J. J. *Luke 15 and 16: A Connection. Biblica*, Roma, v. 78, n. 3, p. 369–376, 1997.

<sup>23</sup> Digno de nota também é que o mesmo verbo (διασκοπίζω) é usado em 16.1 para dizer que o administrador infiel estava “defraudando” os bens de seu senhor, e em 15.13 para dizer que o filho pródigo “dissipou” todos os seus bens.

<sup>24</sup> Cf. MORRIS, *Lucas*, p. 240.

em 17.11 se inicia um novo cenário, em que Jesus, “de caminho para Jerusalém”, passa pelo meio de Samaria e da Galileia.

#### **1.2.4 Estrutura do contexto próximo de Lucas 14.25-17.10**

Cada ponto é iniciado com um discurso de Jesus a uma determinada audiência:

- I. Multidões: Jesus as desafia a um discipulado radical (14.25-35)
  - a. Grandes multidões seguiam a Jesus (14.25)
  - b. Jesus discursa às multidões sobre discipulado radical (14.26-35)
    - i. Amar mais a ele do que as outras coisas (14.25,26)
    - ii. Estar disposto a sofrer com ele (14.27)
    - iii. Calcular os custos (14.28-32)
    - iv. Renunciar a todos os bens (14.33)
    - v. Ser sal com sabor (14.34,35a)
    - vi. Ouvir a ele (14.35b)
- II. Fariseus: O amor de Jesus pelos pecadores deve ser motivo de alegria (15.1-32)
  - a. Fariseus criticam Jesus por receber publicanos e pecadores (15.1,2)
  - b. Jesus responde aos fariseus (15.3-32)
    - i. Parábola da ovelha perdida (15.3-7)
    - ii. Parábola da dracma perdida (15.8-10)
    - iii. Parábola do filho pródigo (15.11-32)
- III. Discípulos: Deve-se fazer um uso bom das riquezas (16.1-13)
  - a. Parábola do administrador infiel (16.1-8)
  - b. Aplicação da parábola do administrador infiel (16.9-13)
    - i. Fazer amigos dando-lhes do Mamom da iniquidade (16.9)
    - ii. Ser fiel na administração do Mamom da iniquidade (16.10-12)
    - iii. Não servir ao Mamom da iniquidade (16.13)
- IV. Fariseus: Não se deve fazer um uso mal das riquezas (16.14-31)
  - a. Fariseus ridicularizam Jesus por serem avarentos (16.14)
  - b. Jesus responde aos fariseus (16.15-31)
    - i. Os fariseus não dão ouvidos à Lei e aos Profetas (16.15-18)



ii. Parábola do rico e Lázaro (16.19-31)<sup>25</sup>

V. Discípulos: Deve-se opor-se ao pecado com fé e humildade (17.1-10)

- a. Não se deve promover o pecado (17.1,2)
- b. Deve-se opor-se ao pecado e perdoar o pecador (17.3,4)
- c. Fé é necessária (17.5,6)
- d. Humildade é necessária (17.7-10)

### 1.3 CONTEXTO CANÔNICO

Nesta seção examinam-se passagens bíblicas do Antigo e do Novo Testamentos que estão relacionadas com a passagem de Lucas 16.19-31.

#### 1.3.1 Antigo Testamento<sup>26</sup>

A questão sobre como se deve tratar os pobres é bastante comum no Antigo Testamento (a Lei [ou Moisés] e os Profetas de 16.16,29,31).<sup>27</sup> Porém, a passagem mais diretamente relacionada à passagem de 16.19-31 deve ser Dt 24.5-15, pois a passagem anterior de Dt 24.1-4 é aludida em Lc 16.18.<sup>28</sup> Essa passagem de Deuteronômio tem várias leis que falam sobre o tratamento aos pobres: não se poderia tomar as mós que trituram os grãos nos moinhos como penhor, pois a vida dependia dessas mós (24.6); não se poderia roubar um israelita e tratá-lo ou vendê-lo como escravo (24.7); não se poderia ficar com o penhor de um homem pobre depois do sol posto (24.10-13); e não se deveria oprimir o pobre e necessitado, mas dar-lhe o salário antes do sol posto (24.14,15).

O nome Λάζαρος (Lázaro) é uma abreviação de um dos seguintes nomes hebraicos: לְעִזֵּר (Eliezer: “Deus é socorro”), servo de Abraão mencionado em Gn 15.2, ou לְעִזָּרָא (Eleazar: “Socorro de Deus”), um dos filhos de Arão (Êx 6.23).<sup>29</sup> Porém, é improvável que esse Lázaro seja identificado por Jesus com umas dessas personagens do Antigo Testamento, ainda que coincidentemente em Lc 16.19-31 Abraão também seja mencionado.<sup>30</sup>

<sup>25</sup> Para uma defesa de que essa passagem é uma parábola, cf. seção 2.6 deste trabalho.

<sup>26</sup> Muitas das informações nesta seção são baseadas em BEALE, G. K.; CARSON, D. A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 431,432.

<sup>27</sup> Cf. Dt 14.28,29; 15.1-3,7-12; 22.1,2; 23.19; 24.7-15,19-21; 25.13,14; Is 3.14,15; 5.7,8; 10.1-3; 32.6,7; 58.3,6-10; Jr 5.26-28; 7.5,6; Ez 18.12-18; 33.15; Am 2.6-8; 5.11,12; 8.4-6; Mq 2.1,2; 3.1-3; 6.10,11; Zc 7.9,10; Ml 3.5.

<sup>28</sup> Cf. seção 1.2.3 deste trabalho.

<sup>29</sup> As definições do hebraico são tiradas de KOEHLER, L. et al. *The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament*. Edição eletrônica. Leiden: E.J. Brill, 1994–2000.

<sup>30</sup> Marshall diz que tentativas de encontrar uma base no Antigo Testamento para a história são duvidosas, e a mais plausível é a que vê uma conexão na relação entre Abraão e seu servo Eliezer (Gn 15). Ele cita Derrett, que

Os cães que lambem Lázaro (Lc 16.21) ecoam passagens do Antigo Testamento em que cães devoram mortos (1Rs 14.11; 16.4; 21.24; Sl 22.15,16; Jr 15.3). Isso pode indicar que o fato é negativo, não positivo.<sup>31</sup>

A ideia do seio de Abraão (Lc 16.22,23), ainda que não apareça no Antigo Testamento, parece estar relacionada com passagens que descrevem a morte como descansar com os pais (1Rs 1.21; 2.10; 11.21).

O conceito de Hades (Lc 16.23) é o equivalente do Sheol (שְׁאוֹל) do Antigo Testamento, o lugar para onde os mortos vão (Is 14.9,15; Ez 31.16). Apesar de alguns defenderem que o Sheol do Antigo Testamento pode ter a conotação de um lugar de castigo para os ímpios,<sup>32</sup> as passagens apresentadas como prova (Sl 9.17; 49.14; 55.15; Pv 15.11; 15.24) podem ser perfeitamente interpretadas como apenas indicando o reino dos mortos.<sup>33</sup> A ideia de fogo no Hades (Lc 16.24) pode estar relacionada com Is 66.24<sup>34</sup> (e talvez Is 33.14). E a sede (Lc 16.24) no Antigo Testamento é uma figura do juízo divino (Is 5.13; 50.2; 65.13; Os 2.3).

Por fim, a ideia de que mortos podem fazer contato com vivos (Lc 16.27) pode ecoar 1Sm 28.6-19, quando Saul consulta Samuel (?) através da médium de En-Dor, ainda que Abraão na parábola só considere possível um morto falar com vivos através da ressurreição (Lc 16.31).<sup>35</sup>

### 1.3.2 Novo Testamento

A questão mais importante em termos da relação da passagem de Lc 16.19-31 com o Novo Testamento diz respeito à relação deste Lázaro com o Lázaro de Betânia, especialmente porque a ressurreição deste Lázaro é cogitada em Lc 16.27-31 e o Lázaro de Betânia ressuscita em João 11.

encontra em Lázaro o servo de Abraão enviado para descobrir se os judeus estão agindo de forma hospitaleira (assim como na tradição judaica Eliezer visitou Sodoma). Ele também cita Cave, que nota que Eliezer era um gentio e sugere que a parábola ensina que se os judeus não se arrependerem, eles terão como juízo o fato de verem os gentios encontrando misericórdia ao invés deles. Marshall, porém, rejeita essas especulações: cf. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 632,633.

<sup>31</sup> Cf. seção 2.7.1.2 deste trabalho.

<sup>32</sup> Cf. BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 632,633.

<sup>33</sup> Cf. HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 106,107.

<sup>34</sup> Cf. EVANS, Craig A. *The Bible Knowledge Background Commentary: Matthew–Luke*. Colorado Springs, CO: David C Cook, 2003, p. 418.

<sup>35</sup> Hertig defende que a inversão que ocorre na história do rico e Lázaro tem relação com a missão de Jesus em trazer o Jubileu (Lv 25), que é citada de Is 61.1,2 em Lc 4.18,19 e envolve inversão de fortunas: cf. HERTIG, P. *The Jubilee Mission of Jesus in the Gospel of Luke: Reversals of Fortunes*. *Missiology*, London, v. 26, n. 2, p. 167–179, abr. 1998.

Algumas possibilidades em termos da relação entre ambos os Lázaros e ambas as passagens são as seguintes: primeira, o relato de João é uma ilustração fictícia da ressurreição de Lázaro baseada no relato de Lucas; segunda, a parábola teve origem no fato histórico de Jo 11; terceira, por causa da similaridade entre as duas histórias, algum escriba acrescentou o nome próprio de Lázaro no relato de Lucas; quarta, os relatos são independentes, mas o nome de Lázaro foi acrescentado na história de Lc 16.19-31 por Lucas, diante do fato da ressurreição de Lázaro (e de Jesus).<sup>36</sup>

A primeira possibilidade deve ser rejeitada sob o pressuposto da inspiração e inerrância das Escrituras. A segunda possibilidade é possível, mas improvável, porque não é possível provar que Jesus contou Lc 16.19-31 após a ressurreição de Lázaro em Jo 11, e porque há muitas diferenças entre o Lázaro desta passagem e o Lázaro de Betânia (o de Betânia, por exemplo, tinha família, não era pobre ao ponto de viver jogado na porta de ricos e foi sepultado de forma decente). A terceira possibilidade é apenas uma especulação, pois não há um único manuscrito sem o nome de Lázaro. A quarta possibilidade é a mais plausível, mas não se pode dar uma resposta definitiva a essa questão.<sup>37</sup>

Outra questão relacionada é se há, aqui, alguma alusão à ressurreição de Jesus. Com certeza Lc 16.27-31, que fala sobre ressurreição, faz parte da história original contada por Jesus.<sup>38</sup> Mas a questão é se Jesus, ao contar isso, pensava na sua própria ressurreição, como uma espécie de profecia. Isso é possível, mas não se pode afirmar com certeza. Porém, é possível afirmar com Morris que “os leitores de Lucas dificilmente poderiam evitar de pensar em Jesus”.<sup>39</sup> E se isso é verdade a respeito dos leitores, quando mais do autor Lucas. Desse modo, mesmo que a alusão não tenha sido intencionada por Jesus, certamente estava na intenção de Lucas ao registrar essa história.<sup>40</sup>

Por fim, é importante mostrar como algumas ideias presentes na parábola aparecem no restante do Novo Testamento.

---

<sup>36</sup> Cf. EVANS, *The Bible Knowledge Background Commentary: Matthew–Luke*, p. 418; STEIN, *Luke*, p. 422. Nenhum dos dois adota qualquer dessas posições.

<sup>37</sup> Nolland apresenta a possibilidade de que o mesmo nome seja apenas uma coincidência: NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*; Morris aparenta assumir que os dois Lázaros são a mesma pessoa: MORRIS, *Lucas*, p. 239,240; Hendriksen diz que eles não são a mesma pessoa: HENDRIKSEN, William. *Exposição do Evangelho de Lucas, Vol. 2*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 320; cf. JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible, Vol. 2*. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc, 1997, p. 117.

<sup>38</sup> Cf. nota 34 no capítulo 2.

<sup>39</sup> Cf. MORRIS, *Lucas*, p. 240.

<sup>40</sup> Cf. STEIN, *Luke*, p. 426, que entende que foi Lucas quem adicionou essa alusão, não Jesus, mas entende que Lucas teve que mudar a fraseologia da história contada por Jesus, com o que o autor deste trabalho não concorda.

A ideia de “seio” (Lc 16.22,23) parece em Jo 13.23 (cf. Jo 1.18), no sentido de que João se reclinou sobre o peito de Jesus durante a Ceia, e é possível que a mesma imagem esteja presente no fato de que Lázaro foi levado para o seio de Abraão.

A associação do juízo futuro com chamas ou fogo (Lc 16.24) aparece em várias passagens do Novo Testamento (Mt 3.12; 5.22; 13.40,42,50; 18.8,9; 25.41; Mc 9.43-48; Lc 3.17; Jd 7; Ap 14.10; 19.20; 20.10,14,15; 21.8).

Por fim, a imagem de comida caindo da mesma (Lc 16.21) aparece na história sobre a mulher cananea, que afirma que os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos (Mt 15.27; Mc 7.28).

## 2 ESTUDO TEXTUAL

Tendo sido realizado o estudo contextual, este capítulo analisa a passagem de Lucas 16.19-31 propriamente dita. Primeiro, o texto grego é determinado com o uso da crítica textual. Depois, uma tradução literal do texto grego é apresentada, seguida por uma tradução dinâmica. A seguir, os limites da perícopa são determinados e suas divisões internas são apresentadas. Em seguida, um esboço mecânico do texto grego e da tradução literal é elaborado. Depois, o gênero e o subgênero da passagem são definidos. Com todas essas informações, um comentário é feito de toda a passagem. Por fim, apresenta-se a mensagem da passagem para a época da escrita.

### 2.1 TEXTO GREGO<sup>1</sup>

**19** Ἄνθρωπος<sup>2</sup> δέ τις ἦν πλούσιος<sup>3</sup>, καὶ ἐνεδιδύσκετο πορφύραν καὶ βύσσον εὐφραινόμενος καθ’ ἡμέραν λαμπρῶς. **20** πτωχὸς δέ τις<sup>4</sup> ὀνόματι Λάζαρος<sup>5</sup> ἐβέβλητο πρὸς

<sup>1</sup> As notas de rodapé nesta seção comentam apenas as variantes textuais mais significativas: aquelas que sejam avaliadas de maneira diferente pelas edições críticas do Novo Testamento, que alterem o significado do texto ou que tenham algum valor para a história da transmissão do texto. As variantes mencionadas são apresentadas sem acentuação, conforme aparecem em ALAND, K.; ALAND, B.; et al. *Novum Testamentum Graece*. 28.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

<sup>2</sup> Poucos manuscritos (Códice Beza e Códice Siríaco Curetoniano, ambos do século V) trazem, antes de Ἄνθρωπος (“Homem”), a frase εἶπεν δε και ετεραν παραβολην (“E disse também outra parábola”). Essa leitura não é original, pois não tem muita evidência externa e não passa pelo princípio de evidência interna de que a leitura mais breve deve ser preferida. Ainda que esse acréscimo não seja original, ele demonstra que, para certos copistas, a passagem em questão era uma parábola.

<sup>3</sup> O papiro Bodmer, do século III, e a Versão Saídica trazem, depois de πλούσιος (“rico”), as palavras ονοματι Νευης (“de nome Neues”). Metzger acredita que Νευης é um erro escríbal para o nome Νινευης (“Nínive”). Prisciliano de Ávila, bispo herege do século IV, traz em latim, depois de “rico”, o nome *Finees* (“Finéias”). Metzger acredita que o nome Finéias foi dado ao rico porque, em Nm 25.7,11, Finéias está associado a Eleazar (cujo nome em grego é “Lázaro”). Ambas as variantes são tentativas de copistas de dar nome ao rico, assim como o pobre é nomeado nesta passagem, e, portanto, não são originais: cf. METZGER, B. M. *A textual commentary on the Greek New Testament*. 4.ed. Londres: United Bible Societies, 1994, p. 140-141. Porém, o motivo da atribuição do nome “Nínive” ao rico é difícil de saber: cf. EVANS, Craig A. *The Bible Knowledge Background Commentary: Matthew–Luke*. Colorado Springs, CO: David C Cook, 2003, p. 417. Para mais informações sobre essa variante, cf. MARSHALL, I. Howard. *The Gospel of Luke*. Exeter, UK: The Paternoster, 1978, p. 634; CADBURY, H. J. A proper name for Dives. *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, GA, v. 81, n. 4, p. 399–402, dez. 1962; CADBURY, H. J. Name for Dives. *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, GA, v. 84, n. 1, p. 73, mar. 1965.

<sup>4</sup> Os Códices Alexandrino (século IV) e Washingtoniano (século IV ou V), vários unciais tardios, vários minúsculos, o Texto Majoritário, e as versões Vulgata (e parte da Antiga Latina), Siríaca e Saídica trazem, depois de τις (“certo”), o verbo ην (“havia”). Em favor da leitura sem o ην estão o Papiro Bodmer (século III), os Códices Sinaítico, Vaticano (ambos do século IV) e outros, alguns minúsculos, alguns manuscritos da Antiga Latina (séculos IV e V), Marcião (de acordo com Adamantino II) e Clemente de Alexandria. Diante do fato de que se deve preferir a leitura mais curta, e de que o acréscimo de ην no v. 20 (πτωχὸς δέ τις ἦν: “E havia certo pobre”) é provavelmente uma tentativa de harmonização com o v. 19, que traz o ην (Ἄνθρωπος δέ τις ἦν πλούσιος: “E havia certo homem rico”), a leitura original é aquela que não traz o verbo ην no v. 20.

τὸν πυλῶνα αὐτοῦ εἰλκωμένος **21** καὶ ἐπιθυμῶν χορτασθῆναι ἀπὸ<sup>6</sup> τῶν πιπτόντων ἀπὸ τῆς τραπέζης τοῦ πλουσίου<sup>7</sup>. ἀλλὰ καὶ οἱ κύνες ἐρχόμενοι ἐπέλειχον τὰ ἔλκη αὐτοῦ. **22** ἐγένετο δὲ ἀποθανεῖν τὸν πτωχὸν καὶ ἀπενεχθῆναι αὐτὸν ὑπὸ τῶν ἀγγέλων εἰς τὸν κόλπον Ἀβραάμ· ἀπέθανεν δὲ καὶ ὁ πλούσιος καὶ ἐτάφη. **23** καὶ<sup>8</sup> ἐν τῷ ἄδη ἐπάρας τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ, ὑπάρχων ἐν βασάνοις, ὁρᾷ Ἀβραάμ ἀπὸ μακρόθεν καὶ Λάζαρον ἐν τοῖς κόλποις αὐτοῦ. **24** καὶ αὐτὸς φωνήσας εἶπεν· πάτερ Ἀβραάμ, ἐλέησόν με καὶ πέμψον Λάζαρον ἵνα βάψῃ τὸ ἄκρον τοῦ δακτύλου αὐτοῦ ὕδατος καὶ καταψύξῃ τὴν γλῶσσάν μου, ὅτι ὀδυνῶμαι ἐν τῇ φλογὶ ταύτῃ. **25** εἶπεν δὲ Ἀβραάμ· τέκνον, μνήσθητι ὅτι ἀπέλαβες τὰ ἀγαθὰ σου ἐν τῇ ζωῇ σου, καὶ Λάζαρος ὁμοίως τὰ κακά· νῦν δὲ ὧδε παρακαλεῖται, σὺ δὲ ὀδυνᾷσαι. **26** καὶ ἐν πᾶσιν τούτοις μεταξὺ ἡμῶν καὶ ὑμῶν χάσμα μέγα ἐστήρικται, ὅπως οἱ θέλοντες διαβῆναι ἔνθεν πρὸς ὑμᾶς μὴ δύνωνται, μηδὲ<sup>9</sup> ἐκεῖθεν πρὸς ἡμᾶς διαπερῶσιν. **27** εἶπεν δέ· ἐρωτῶ σε οὖν, πάτερ, ἵνα πέμψῃς αὐτὸν εἰς τὸν οἶκον τοῦ πατρός μου, **28** ἔχω γὰρ πέντε ἀδελφούς, ὅπως διαμαρτύρηται αὐτοῖς, ἵνα μὴ καὶ αὐτοὶ ἔλθωσιν εἰς τὸν τόπον τοῦτον τῆς βασάνου. **29** λέγει δὲ<sup>10</sup> Ἀβραάμ· ἔχουσιν Μωϋσέα καὶ τοὺς προφῆτας· ἀκουσάτωσαν αὐτῶν. **30** ὁ δὲ εἶπεν· οὐχί,

<sup>5</sup> Praticamente os mesmos manuscritos que trazem, depois de τις (“certo”), o verbo ἦν (“havia”) no v. 20, também trazem, depois de Λάζαρος, o pronome relativo ὅς (“o qual”), e os mesmos manuscritos que omitem ἦν, também omitem ὅς. Isso acontece porque, com o acréscimo de ἦν, é necessário o acréscimo de ὅς para que a frase faça sentido em grego: πτωχὸς δὲ τις ἦν ὀνόματι Λάζαρος ὅς ἐβέβλητο (“E havia certo pobre, de nome Lázaro, o qual tinha estado jogado...”). A leitura original é aquela que não traz ὅς, pelas mesmas razões apresentadas na nota 4 acima.

<sup>6</sup> Uma correção feita pelo segundo corretor do Códice Sinaítico, o Códice Alexandrino, vários outros unciais tardios, vários minúsculos, o Texto Majoritário, a Vulgata (e parte da Antiga Latina), a Peshita, a Harklense, um manuscrito da Saídica e parte da Boaírica trazem, depois de ἀπὸ, as palavras τῶν ψιχίων (“das migalhas”). Em favor da leitura sem τῶν ψιχίων estão o Papiro Bodmer, a leitura original do Códice Sinaítico, o Códice Vaticano, o Códice Régio (século VIII), a Antiga Latina, o Códice Siríaco Sinaítico (século IV ou V), o Códice Siríaco Curetoniano (século V), manuscritos da Saídica, parte da Boaírica e Clemente de Alexandria. Diante do fato de que se deve preferir a leitura mais curta e mais difícil, e de que τῶν ψιχίων parece ter sido introduzido por copistas a partir de Mt 15.27, onde a mulher cananeaia fala que os cachorrinhos comem “das migalhas” (ἀπὸ τῶν ψιχίων), a leitura original é aquela que não traz τῶν ψιχίων.

<sup>7</sup> Uma família de minúsculos, um minúsculo do século XII e a Vulgata Clementina (1592) trazem, depois de τοῦ πλουσίου (“do rico”), a frase καὶ οὐδεις ἐδίδου αὐτῷ (“e ninguém dava a ele”). Essa leitura não é original, pois além de ser apoiada apenas por poucos manuscritos tardios, também parece ter sido introduzida por copistas a partir da passagem de Lc 15.16, que ao falar do desejo do filho pródigo de se alimentar das alfarrobas que os porcos comiam, afirma: “e ninguém dava a ele” (καὶ οὐδεις ἐδίδου αὐτῷ).

<sup>8</sup> A leitura original do Códice Sinaítico, a Vulgata (e parte da Antiga Latina) e Marcião (de acordo com Adamantino II) não trazem o καὶ, unindo o final do v. 22 com o início do v.23 da seguinte forma: καὶ ἐτάφη ἐν τῷ ἄδη (“e foi sepultado no Hades”). Essa leitura não é original, pois não tem muita evidência externa.

<sup>9</sup> Uma correção feita pelo segundo corretor do Códice Sinaítico, o Códice Alexandrino, o Códice Régio, o Códice Washingtoniano, vários outros unciais, vários minúsculos, o Texto Majoritário e a Boaírica trazem, depois de μηδὲ, o artigo οἱ que, unido ao advérbio ἐκεῖθεν que vem logo em seguida (οἱ ἐκεῖθεν), dá o sentido de “os [que são] daí”: cf. NOLLAND, John. *Luke 9:21-18:34*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1993. Em favor da leitura sem οἱ estão o Papiro Bodmer, a leitura original do Códice Sinaítico, o Códice Vaticano, o Códice Beza e a família 13 de minúsculos. Diante do fato de que bons manuscritos antigos não trazem οἱ, e de que se deve preferir a leitura mais curta e mais difícil, a leitura original é aquela que não traz οἱ.

<sup>10</sup> O Códice Alexandrino, o Códice Beza, outros unciais tardios, vários minúsculos, o Texto Majoritário, a Vulgata (e parte da Antiga Latina), o Códice Siríaco Curetoniano, a Peshita, a Harklense e a Copta trazem, depois de δὲ (“porém”), o pronome αὐτῷ (“a ele”). Em favor da leitura sem αὐτῷ estão o Papiro Bodmer, o

πάτερ Ἀβραάμ, ἀλλ' ἐάν τις ἀπὸ νεκρῶν πορευθῆ πρὸς αὐτοὺς μετανοήσουσιν. **31** εἶπεν δὲ αὐτῶ· εἰ Μωϋσέως καὶ τῶν προφητῶν οὐκ ἀκούουσιν, οὐδ' ἐάν τις ἐκ νεκρῶν ἀναστῆ πεισθήσονται.

## 2.2 TRADUÇÃO LITERAL

**19** E havia certo homem rico, e vestia púrpura e linho fino, festejando<sup>11</sup> de dia em dia esplendidamente. **20** E certo pobre<sup>12</sup> de nome Lázaro tinha estado jogado<sup>13</sup> diante da porta dele coberto de feridas<sup>14</sup> **21** e desejando ser alimentado das coisas que caíam<sup>15</sup> da mesa do rico; porém, até os cães, vindo, lambiam as feridas dele. **22** E aconteceu morrer o pobre e ser ele levado pelos anjos para o seio de Abraão<sup>16</sup>; e morreu também o rico e foi sepultado. **23** E no Hades<sup>17</sup>, depois de levantar<sup>18</sup> os seus olhos, estando em tormentos, vê<sup>19</sup> Abraão de longe e Lázaro nos seios<sup>20</sup> dele. **24** E ele, depois de clamar<sup>21</sup>, disse: “pai Abraão, tem misericórdia de mim e envia Lázaro a fim de que mergulhe a ponta do seu dedo na água e refresque a minha língua, porque estou sendo atormentado<sup>22</sup> nesta chama”. **25** Disse, porém, Abraão: “filho, lembra-te que recebeste as tuas coisas boas na tua vida, e Lázaro, igualmente, as más; agora, porém, aqui está sendo consolado<sup>23</sup>, tu, porém, estás sendo atormentado<sup>24</sup>. **26** E, além de tudo

---

Códice Sinaítico, o Códice Vaticano, o Códice Régio, alguns minúsculos, alguns manuscritos da Antiga Latina, o Códice Siríaco Sinaítico e manuscritos da Boaírica. Diante do fato de que bons manuscritos antigos não trazem αὐτῶ, e de que se deve preferir a leitura mais curta, a leitura original é aquela que não traz αὐτῶ.

<sup>11</sup> A palavra é usada no contexto imediato no sentido de festejar (Lc 15.23,24,29,32). A Nova Versão Internacional (“vivia no luxo”) e a Novo Mundo (“levava uma vida de prazeres”) não são muito literais.

<sup>12</sup> A tradução “mendigo” seguida pelas versões em português é uma tradução mais interpretativa e menos literal.

<sup>13</sup> Esse verbo é um mais-que-perfeito passivo e foi traduzido da forma mais literal possível, ao contrário das demais versões em português, que o traduzem como um imperfeito.

<sup>14</sup> Esse verbo é um particípio perfeito passivo e nessa forma tem o sentido de “coberto de feridas” em Xenofonte, Plutarco e Artemidoro de Daldis: cf. ARNDT, W. et al. *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. 3.ed. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 318. Essa é a tradução seguida pelas versões em português.

<sup>15</sup> As traduções que trazem “das migalhas que caíam” (como a Almeida Revista e Atualizada) se baseiam numa variante textual que não é original. Cf. nota 6 acima.

<sup>16</sup> A tradução “para junto de Abraão” da Novo Mundo é menos literal.

<sup>17</sup> Esse é um termo bastante carregado teologicamente e é melhor não ser traduzido (como na Nova Versão Internacional). A Almeida Revista e Atualizada e a Corrigida e Fiel traduzem como “inferno”, enquanto a Novo Mundo traduz como “sepultura”.

<sup>18</sup> Esse verbo é um particípio aoristo e traz a ideia de que a ação do verbo principal ocorre depois da ação do verbo no particípio.

<sup>19</sup> O verbo aqui é presente, como é comum em narrativas no Novo Testamento grego.

<sup>20</sup> O substantivo aqui ocorre no plural, ao contrário do v. 22. O plural é um plural clássico e tem o mesmo significado do singular: cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p.1369.

<sup>21</sup> Esse verbo também é um particípio aoristo. Cf. nota 18 acima.

<sup>22</sup> O verbo está no presente e o aspecto contínuo foi traduzido.

<sup>23</sup> O verbo está no presente e o aspecto contínuo foi traduzido.

<sup>24</sup> O verbo está no presente e o aspecto contínuo foi traduzido.

isso<sup>25</sup>, entre nós e vós um grande abismo está estabelecido<sup>26</sup>, de maneira que os que querem passar daqui para vós não podem, nem daí para nós passam<sup>27</sup>”. **27** Disse, porém: “Rogo-te, então, pai, que o envies para a casa do meu pai, **28** pois tenho cinco irmãos, de maneira que os avise<sup>28</sup>, a fim de que não venham também eles para este lugar de tormento”. **29** Diz<sup>29</sup>, porém, Abraão: “têm Moisés e os profetas; ouçam-nos”. **30** Ele, porém, disse: “não, pai Abraão, mas se<sup>30</sup> alguém dentre os mortos for até eles, arrepender-se-ão”. **31** Disse-lhe, porém: “se<sup>31</sup> a Moisés e aos profetas não estão ouvindo<sup>32</sup>, nem se<sup>33</sup> alguém dentre os mortos ressuscitar serão persuadidos”.

### 2.3 TRADUÇÃO DINÂMICA

**19** Havia certo homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e festejava todos os dias esplendidamente. **20** Certo pobre de nome Lázaro estava jogado diante da porta dele coberto de feridas **21** e desejava ser alimentado das coisas que caíam da mesa do rico; ao invés disso, os cães vinham lambe-las suas feridas. **22** Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; o rico também morreu e foi sepultado. **23** No Hades, estando em tormentos, ele levantou os seus olhos e viu de longe Abraão e Lázaro no seu seio. **24** E clamou e disse: “pai Abraão, tem misericórdia de mim e envia Lázaro a fim de que mergulhe a ponta do seu dedo na água e refresque a minha língua, porque estou sendo atormentado nesta chama”. **25** Porém, Abraão respondeu: “filho, lembra-te que recebeste coisas boas na tua vida, e Lázaro, igualmente, coisas más; agora, porém, aqui ele está sendo consolado; tu, porém, estás sendo atormentado. **26** Além disso, entre nós e vós está

<sup>25</sup> Essa é uma expressão idiomática no grego e foi traduzida menos literalmente para fazer sentido.

<sup>26</sup> Esse verbo é um perfeito passivo. É um passivo divino, que indica que o agente da passiva é Deus (Deus estabeleceu o abismo): cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1373.

<sup>27</sup> As traduções que trazem “nem os de lá passar para nós” (como a Almeida Revista e Atualizada) se baseiam numa variante textual que não é original. Cf. nota 9 acima.

<sup>28</sup> O verbo pode significar tanto “dar testemunho” (como na Almeida Revista e Atualizada) quanto “avisar” (como na Nova Versão Internacional). Optou-se pela segunda tradução, por parecer ao autor mais adequada ao contexto.

<sup>29</sup> O verbo aqui é presente, como é comum em narrativas no Novo Testamento grego.

<sup>30</sup> Essa é uma condição de terceira classe (condição provável), onde a premissa é apresentada como possível, apesar de não ter ocorrido ainda: cf. BOCK, Darrell L. *Luke 9:51-24:53*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1996, p. 1376 (nota 34). Essa é a melhor tradução para o português desse tipo de condição, ao contrário da Nova Versão Internacional, que traduz como uma condição de segunda classe (condição irreal): “se alguém dentre os mortos fosse até eles, eles se arrependeriam”.

<sup>31</sup> Essa é uma condição de primeira classe (condição real ou realizável), que neste caso indica que a premissa é a realidade na vida dos irmãos do rico: “se não estão ouvindo a Moisés e aos profetas, e eles não estão...”: cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1376.

<sup>32</sup> O verbo está no presente e o aspecto contínuo foi traduzido.

<sup>33</sup> Essa é uma condição de terceira classe (condição provável), onde a premissa é apresentada como possível: cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1377.



estabelecido um grande abismo, de maneira que os que querem passar daqui para vós não podem, nem passar daí para nós”. **27** Então, ele disse: “Então, pai, rogo-te que o envies para a casa do meu pai, **28** pois tenho cinco irmãos, de maneira que os avise, a fim de que não venham também eles para este lugar de tormento”. **29** Porém, Abraão respondeu: “eles têm Moisés e os profetas; ouçam-nos”. **30** Então, ele disse: “não, pai Abraão, se alguém dentre os mortos for até eles, eles se arrependirão”. **31** Porém, Abraão lhe respondeu: “se eles não estão ouvindo a Moisés e aos profetas, tampouco serão persuadidos, ainda que alguém ressuscite dentre os mortos”.

## 2.4 DEFESA DA PERÍCOPE E DIVISÕES

O fim da perícopé é claramente 16.31, pois em 17.1 há um marcador de discurso direto (Εἶπεν δὲ πρὸς τοὺς μαθητὰς αὐτοῦ - “E disse aos seus discípulos”), indicando o início de uma nova perícopé.

O início da perícopé é um pouco mais complicado. É possível considerar o início como 16.14,15. Nesses versos, depois de mencionar que os fariseus avarentos ouviam tudo isto (a parábola do administrador infiel de 16.1-13 dita por Jesus aos seus discípulos) e ridicularizavam Jesus, Lucas apresenta um marcador de discurso direto (καὶ εἶπεν αὐτοῖς - “E disse-lhes”), iniciando uma nova passagem onde Jesus se dirige aos fariseus. O que Jesus conta sobre o rico e Lázaro em 16.19-31 faz parte do que Jesus disse aos fariseus, juntamente com 16.14-18. Desse modo, pode-se considerar a perícopé como toda a passagem de 16.14-31.

Porém, a mudança de gênero literário também pode marcar o início de uma nova perícopé, e essa mudança ocorre em 16.19, onde Jesus passa a contar uma parábola (como argumentado na seção 2.6 abaixo). Por essa razão, é possível tratar a passagem de 16.19-31 como uma unidade,<sup>34</sup> ainda que esteja intimamente relacionada com 16.14-18 e deva ser interpretada à luz disso.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Para defesas da unidade da perícopé contra tentativas liberais de considerar 16.27-31 como secundário, cf. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 633,634; STEIN, Robert H. *Luke*. Nashville, TN: Broadman, 1992, p. 422; NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*; BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1361,1362.

<sup>35</sup> Cf. GREEN, Joel B. *The Gospel of Luke*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997, p. 604. O mesmo poderia ser dito da parábola do filho pródigo, em 15.11-32, que faz parte do que Jesus diz aos fariseus a partir de 15.3, em resposta ao que aconteceu em 15.1,2. Ainda que todo o capítulo 15 possa ser tratado como uma grande perícopé, também é possível tratar a parábola do filho pródigo como uma perícopé em si mesma.

A perícopre de 16.19-31 pode ser dividida em duas grandes partes: vv.19-21, que mostra o rico e Lázaro nesta vida, e vv.22-31, que os mostra depois da morte.<sup>36</sup> Essa divisão pode ser percebida pelo marcador ἐγένετο δὲ (“E aconteceu”) no início do v.22 e pela mudança de cenário entre as duas partes. A segunda parte, por sua vez, pode ser dividida em três subpartes: vv.22-23, que descreve a situação do rico e Lázaro após a morte, vv.24-26, onde o rico pede a Abraão que Lázaro lhe traga água, e vv.27-31, onde o rico pede a Abraão que Lázaro avise seus irmãos.

De acordo com essas divisões, uma estrutura possível para a perícopre é a seguinte:<sup>37</sup>

- I. O rico e Lázaro nesta vida (vv.19-21)
  - a. O rico (v.19)
  - b. Lázaro (vv.20,21)
- II. O rico e Lázaro depois da morte (vv.22-31)
  - a. Descrição da situação de Lázaro e do rico (vv.22,23)
  - b. O pedido do rico para que Lázaro lhe traga água (vv.24-26)
    - i. Pedido (v.24)
    - ii. Resposta: Improriedade do pedido (v.25)
    - iii. Resposta: Impossibilidade do pedido (v.26)
  - c. O pedido do rico para que Lázaro avise seus irmãos (vv.27-31)
    - i. Pedido (vv.27,28)
    - ii. Resposta: Suficiência das Escrituras (v.29)
    - iii. Réplica: Arrependimento por meio de um sinal (v.30)
    - iv. Tréplica: Rejeitar as Escrituras implica em rejeitar o sinal (v.31)

## 2.5 ESBOÇO MECÂNICO

O esboço mecânico da passagem pode ser apresentado como abaixo, tanto em grego quanto em português.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> Hendriksen divide em vv.19-22 (esta vida) e v.23-31 (vida por vir): cf. HENDRIKSEN, William. *Exposição do Evangelho de Lucas, Vol. 2*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 314. Porém, o v.22 já descreve a ida de Lázaro para o seio de Abraão e se encaixa melhor na segunda parte. Alguns dividem em vv.19-26 (a inversão das condições desta vida na próxima) e vv.27-31 (nada pode persuadir o rico a prestar atenção): cf. STEIN, Luke, p. 422; EVANS, *The Bible Knowledge Background Commentary: Matthew–Luke*, p. 417. Essa divisão, porém, é mais temática do que estrutural.

<sup>37</sup> Essa estrutura é parecida com a de BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1363,1364.

### 2.5.1 Esboço mecânico do texto grego

Ἄνθρωπος δέ τις ἦν πλούσιος,  
καὶ ἐνεδιδύσκετο πορφύραν καὶ βύσσον  
εὐφραινόμενος καθ' ἡμέραν λαμπρῶς.  
πτωχὸς δέ τις ὀνόματι Λάζαρος ἐβέβλητο πρὸς τὸν πυλῶνα αὐτοῦ  
εἰλκωμένος καὶ ἐπιθυμῶν χορτασθῆναι ἀπὸ τῶν πιπτόντων ἀπὸ τῆς τραπέζης  
τοῦ πλουσίου·  
ἀλλὰ καὶ οἱ κύνες ἐρχόμενοι ἐπέλειχον τὰ ἔλκη αὐτοῦ.  
ἐγένετο δὲ  
ἀποθανεῖν τὸν πτωχὸν  
καὶ ἀπενεχθῆναι αὐτὸν ὑπὸ τῶν ἀγγέλων εἰς τὸν κόλπον Ἀβραάμ·  
ἀπέθανεν δὲ καὶ ὁ πλούσιος  
καὶ ἐτάφη.  
καὶ ἐν τῷ ὄρει [...] ὄρᾳ Ἀβραάμ ἀπὸ μακρόθεν καὶ Λάζαρον ἐν τοῖς κόλποις αὐτοῦ.  
ἐπάρας τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ,  
ὑπάρχων ἐν βασάνοις,  
καὶ αὐτὸς φωνήσας εἶπεν·  
πάτερ Ἀβραάμ,  
ἐλέησόν με  
καὶ πέμψον Λάζαρον  
ἵνα βάψῃ τὸ ἄκρον τοῦ δακτύλου αὐτοῦ ὕδατος  
καὶ καταψύξῃ τὴν γλῶσσάν μου,  
ὅτι ὀδυνῶμαι ἐν τῇ φλογὶ ταύτῃ.  
εἶπεν δὲ Ἀβραάμ·  
τέκνον,  
μνήσθητι  
ὅτι ἀπέλαβες τὰ ἀγαθὰ σου ἐν τῇ ζωῇ σου,  
καὶ Λάζαρος ὁμοίως τὰ κακὰ·  
νῦν δὲ ὧδε παρακαλεῖται,  
σὺ δὲ ὀδυνᾷσαι.  
καὶ ἐν πᾶσιν τούτοις μεταξὺ ἡμῶν καὶ ὑμῶν χάσμα μέγα ἐστήρικται,

<sup>38</sup> Esse esboço mecânico se concentra em mostrar a relação entre orações independentes e dependentes, seguindo o procedimento sugerido por HARVEY, John D. *Interpretação das Cartas Paulinas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 134,135, porém, sem o uso de setas.

ὅπως οἱ θέλοντες διαβῆναι ἔνθεν πρὸς ὑμᾶς μὴ δύνωνται,  
μηδὲ ἐκεῖθεν πρὸς ἡμᾶς διαπερῶσιν.

εἶπεν δέ·

ἔρωτῶ σε οὖν, πάτερ,

ἵνα πέμψῃς αὐτὸν εἰς τὸν οἶκον τοῦ πατρός μου,

ἔχω γὰρ πέντε ἀδελφούς,

ὅπως διαμαρτύρηται αὐτοῖς,

ἵνα μὴ καὶ αὐτοὶ ἔλθωσιν εἰς τὸν τόπον τοῦτον τῆς  
βασάνου.

λέγει δὲ Ἀβραάμ·

ἔχουσιν Μωϋσέα καὶ τοὺς προφῆτας·

ἀκουσάτωσαν αὐτῶν.

ὁ δὲ εἶπεν·

οὐχί, πάτερ Ἀβραάμ,

ἀλλ' [...] μετανοήσουσιν.

ἐάν τις ἀπὸ νεκρῶν πορευθῆι πρὸς αὐτοὺς

εἶπεν δὲ αὐτῷ·

εἰ Μωϋσέως καὶ τῶν προφητῶν οὐκ ἀκούουσιν,

οὐδ' [...] πεισθήσονται.

ἐάν τις ἐκ νεκρῶν ἀναστῆι

### 2.5.2 Esboço mecânico da tradução literal

E havia certo homem rico,

e vestia púrpura e linho fino,

festejando de dia em dia esplendidamente.

E certo pobre de nome Lázaro tinha estado jogado diante da porta dele

coberto de feridas e desejando ser alimentado das coisas que caíam da mesa do  
rico;

porém, até os cães, vindo, lambiam as feridas dele.

E aconteceu

morrer o pobre

e ser ele levado pelos anjos para o seio de Abraão;

e morreu também o rico

e foi sepultado.

E no Hades, [...] vê Abraão de longe e Lázaro nos seios dele.

depois de levantar os seus olhos,

estando em tormentos,

E ele, depois de clamar, disse:

“pai Abraão,

tem misericórdia de mim

e envia Lázaro

a fim de que mergulhe a ponta do seu dedo na água

e refresque a minha língua,

porque estou sendo atormentado nesta chama”.

Disse, porém, Abraão:

“filho,

lembra-te

que recebeste as tuas coisas boas na tua vida,

e Lázaro, igualmente, as más;

agora, porém, aqui está sendo consolado,

tu, porém, estás sendo atormentado.

E, além de tudo isso, entre nós e vós um grande abismo está estabelecido,

de maneira que os que querem passar daqui para vós não podem,  
nem daí para nós passam”.

Disse, porém:

“Rogo-te, então, pai,

que o envies para a casa do meu pai,

pois tenho cinco irmãos,

de maneira que os avise,

a fim de que não venham também eles para este lugar de tormento”.

Diz, porém, Abraão:

“têm Moisés e os profetas;

ouçam-nos”.

Ele, porém, disse:

“não, pai Abraão,

mas [...] arrepender-se-ão”.

se alguém dentre os mortos for até eles,

Disse-lhe, porém:

“se a Moisés e aos profetas não estão ouvindo,

nem [...] serão persuadidos”.

se alguém dentre os mortos ressuscitar

## 2.6 DEFINIÇÃO DE GÊNERO E SUBGÊNERO LITERÁRIO

A definição do gênero desta passagem pode envolver alguma polêmica. Alguns negam que a passagem seja uma parábola e a consideram um fato histórico,<sup>39</sup> com base nos seguintes argumentos:<sup>40</sup> primeiro, a história não é chamada de parábola (cf. Lc 5.36; 6.39; 8.4; 12.16; 13.6; 14.7; 15.3; 18.1,9; 19.11; 20.9; 21.29) e nem é introduzida com uma comparação (cf. Lc 13.18,20); segundo, ao contrário de outras parábolas, esta história apresenta um nome próprio (Lázaro).

Em resposta ao primeiro argumento, pode-se argumentar que nem todas as parábolas são introduzidas assim (cf. Lc 15.8,11).<sup>41</sup>

Em resposta ao segundo argumento, deve-se considerar o significado do nome “Lázaro”. Λάζαρος é uma abreviação de um dos seguintes nomes hebraicos: אֱלִיעֶזֶר (Eliezer: “Deus é socorro”), servo de Abraão mencionado em Gn 15.2, ou אֵלְעָזָר (Eleazar: “Socorro de Deus”), um dos filhos de Arão (Êx 6.23).<sup>42</sup> Desse modo, é possível que o nome tenha sido dado ao pobre para demonstrar que ele, que não recebeu o socorro dos homens, tinha feito de Deus seu socorro<sup>43</sup> e era um pobre crente (cf. 4.18; 6.20; 7.22; 21.3).<sup>44</sup> Isso previne que a inversão que acontece depois da morte seja tomada como automática para todo pobre.<sup>45</sup> Outra possibilidade é que o pobre foi nomeado, e não o rico, para antecipar a inversão que acontece

<sup>39</sup> Cf. CALVINO, João; PRINGLE, W. *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark, and Luke*, Vol. 2. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2010, p. 184.

<sup>40</sup> Os argumentos são tirados de Bock, que não concorda com eles: cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1363.

<sup>41</sup> Cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1362.

<sup>42</sup> As definições do hebraico são tiradas de KOEHLER, L. et al. *The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament*. Edição eletrônica. Leiden: E.J. Brill, 1994–2000.

<sup>43</sup> Cf. HENDRIKSEN, *Exposição do Evangelho de Lucas*, Vol. 2, p. 315.

<sup>44</sup> Cf. STEIN, *Luke*, p. 423. Porém, Stein acha improvável que Lucas e os leitores de Lucas teriam entendido essa intenção de Jesus.

<sup>45</sup> Cf. NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*.

depois da morte.<sup>46</sup> Desse modo, o uso do nome próprio aqui não indica que esse é o relato de um fato histórico.

Em defesa do fato de que a passagem é uma parábola, pode-se apresentar a seguinte evidência: a forma como a passagem se inicia em Lc 16.19 (Ἄνθρωπος τις<sup>47</sup> – “Certo homem”) sempre introduz uma parábola em Lucas (10.30; 14.16; 15.11; 16.1 [“rico” é adicionado]; 16.19 [“rico” é adicionado]; 19.12 [“de nobre nascimento” é adicionado]).<sup>48</sup> Além disso, 16.19 começa exatamente como 16.1 (ἄνθρωπός τις ἦν πλούσιος – “Havia certo homem rico”),<sup>49</sup> de modo que Lucas queria que seus ouvintes lessem a passagem de 16.19-31 como uma parábola, do mesmo modo que a parábola do administrador infiel de 16.1-13.<sup>50</sup>

Esta parábola está dentro do subgênero de história exemplo (como a parábola do bom samaritano em Lc 10.25-37).<sup>51</sup> O homem rico é apresentado como um exemplo de mau uso das riquezas (como os fariseus em 16.14) e de alguém que não dá ouvidos à Lei e aos Profetas (como os fariseus, o que está implícito em 16.16-18).<sup>52</sup> Como história exemplo, a parábola ensina uma lição através da comparação de uma situação hipotética e gráfica com a vida real.

O fato de que esta passagem é uma parábola do tipo história exemplo implica em que os detalhes que ela apresenta sobre a vida após a morte não podem ser tomados literalmente, ainda que ela tenha verdades gerais sobre o estado intermediário.<sup>53</sup> O princípio de interpretação deve ser o mesmo aplicado a outras parábolas, em que se deve considerar a intenção do autor à luz do público original, para descobrir o ponto ou pontos principais ensinados pela parábola, sem tentar encontrar referentes para todos os detalhes apresentados.<sup>54</sup> O que é o ensino principal e o que são detalhes nessa parábola é examinado na próxima seção e também no capítulo 3.

<sup>46</sup> Cf. NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*. Também é possível que o nome foi dado para facilitar o diálogo em vv.24-31: cf. STEIN, *Luke*, p. 423.

<sup>47</sup> Sem considerar a conjunção δέ (“e”).

<sup>48</sup> A única exceção é 14.2, que não é iniciado por “ele disse/estava dizendo” e claramente faz parte de uma narrativa, não de um discurso: cf. STEIN, *Luke*, p. 422.

<sup>49</sup> A única diferença é a conjunção δέ (“e”).

<sup>50</sup> Cf. STEIN, *Luke*, p. 422. Cf. nota 2 deste capítulo, onde se mencionam manuscritos antigos que consideravam a passagem como uma parábola. Outros estudiosos que afirmam que a passagem é uma parábola são os seguintes: EDWARDS, Jonathan. *The “Blank Bible”*. New Haven; London: Yale University Press, 2006, p. 912; HENDRIKSEN, *Exposição do Evangelho de Lucas, Vol. 2*, p. 314; SPROUL, R. C. *A walk with God: an exposition of Luke*. Great Britain: Christian Focus Publications, 1999, p. 315.

<sup>51</sup> Cf. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 632; NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*;

<sup>52</sup> Cf. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 632.

<sup>53</sup> Cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1363; HENDRIKSEN, *Exposição do Evangelho de Lucas, Vol. 2*, p. 317; STEIN, *Luke*, p. 424. O próprio Calvino, que entende a história como um fato histórico, afirma que os detalhes são figurados: cf. CALVINO, *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark, and Luke, Vol. 2*, p. 188.

<sup>54</sup> Cf. FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês?: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 179-194.

## 2.7 COMENTÁRIO<sup>55</sup>

Como apresentado na seção 2.4, a passagem tem duas partes: o rico e Lázaro nesta vida (vv.19-21) e depois da morte (vv.22-31).

### 2.7.1 O rico e Lázaro nesta vida (vv.19-21)

Esta primeira parte contrasta a condição do rico (v.19) com a de Lázaro (vv.20,21) nesta vida.

#### 2.7.1.1 O rico (v.19)

“<sup>19</sup> E havia certo homem rico, e vestia púrpura e linho fino, festejando de dia em dia esplendidamente”.

A condição do rico é descrita como de alguém que vive no luxo. Primeiro, ele é chamado de “homem rico”. Segundo, também é dito dele que “vestia púrpura e linho fino”. A púrpura era um tecido tingido com um corante muito caro, obtido do crustáceo murex. A púrpura era usada para as roupas externas e o linho fino para as roupas internas.<sup>56</sup> A púrpura e o linho fino são mencionadas em Pv 31.22. Pelo fato de essas roupas serem usadas por reis e porque o homem rico tinha cinco irmãos (v.28), alguns estudiosos acreditam que, ao falar do homem rico, Jesus tem em mente Herodes Antipas, que também tinha cinco irmãos.<sup>57</sup> Porém, essas duas semelhanças não são suficientes para fazer uma identificação definitiva.<sup>58</sup> Por fim, ele vestia púrpura e linho fino “festejando”. A palavra é usada para festas em ocasiões especiais, como a festa realizada para celebrar o retorno do filho pródigo (15.23,24,29,32). A diferença é que esse homem rico fazia isso “de dia em dia” e “esplendidamente”.

#### 2.7.1.2 Lázaro (vv.20,21)

“<sup>20</sup> E certo pobre de nome Lázaro tinha estado jogado diante da porta dele coberto de feridas <sup>21</sup> e desejando ser alimentado das coisas que caíam da mesa do rico; porém, até os cães, vindo, lambiam as feridas dele”.

---

<sup>55</sup> As divisões apresentadas aqui são aquelas da seção 2.4. A tradução apresentada aqui é a tradução literal elaborada na seção 2.2 deste trabalho.

<sup>56</sup> Cf. MORRIS, Leon. *Lucas: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 237.

<sup>57</sup> Cf. EVANS, *The Bible Knowledge Background Commentary: Matthew–Luke*, p. 417,418.

<sup>58</sup> Cf. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 638.



A condição de Lázaro,<sup>59</sup> por outro lado, é descrita como de alguém que vive em extrema pobreza e miséria. Primeiro, ele é chamado de “pobre”. Segundo, é dito que “ele tinha estado jogado diante da porta” do rico. A ideia é de que alguém o deixou diante da porta do rico. Isso pode indicar que ele estava aleijado ou que estava com tanta fome que não conseguia mover-se sem ajuda.<sup>60</sup> A palavra para “porta” no grego (πυλών) é usada para entradas de cidades, templos e palácios, o que indica que o rico morava em uma mansão.<sup>61</sup> Terceiro, Lázaro estava jogado diante da porte do rico “coberto de feridas” (como Jó [Jó 2.7]), ao contrário do rico, que se veste com roupas finas.<sup>62</sup> Quarto, Lázaro estava jogado diante da porta do rico “desejando ser alimentado das coisas que caíam da mesa do rico”.<sup>63</sup> Algo semelhante é dito do filho pródigo em 15.16, que desejava ser alimentado das alfarrobas que os porcos comiam. Assim como no caso do filho pródigo, ele desejava, mas “ninguém lhe dava nada” (15.16), assim também é o caso com Lázaro. Apesar de não ser dito no caso de Lázaro que “ninguém lhe dava nada”, a omissão do fato de que o seu desejo foi satisfeito tem o mesmo efeito.<sup>64</sup> Apesar de estar à porta do rico e estar passando fome, o rico nada fez para ajudá-lo. Por fim, ao invés de ter seu desejo satisfeito de ser alimentado das coisas que caíam da mesa do rico, “os cães, vindo, lambiam as feridas dele”. Essa é uma descrição negativa que demonstra o ápice da miséria de Lázaro. Que isso é algo negativo pode ser percebido, primeiro, pela própria forma como o fato é apresentado na passagem, pois, ao invés de ser alimentado, Lázaro está servindo de alimento, e segundo, pelo fato de os cães serem animais impuros para os judeus e serem vistos negativamente no Antigo Testamento.<sup>65</sup>

---

<sup>59</sup> Para o nome “Lázaro”, cf. seção 2.6 deste trabalho.

<sup>60</sup> Cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1366. Lázaro não pode ser um leproso, porque está mendigando em público: cf. STEIN, *Luke*, p. 423; MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 635.

<sup>61</sup> Cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1366. Green observa que a distância social entre as duas personagens continua até o fim da história: eles estão separados, primeiro, pela porta do rico (v.20), depois, pela grande distância (v.23), e por fim, pelo grande abismo (v.26): cf. GREEN, *The Gospel of Luke*, p. 605.

<sup>62</sup> Cf. GREEN, *The Gospel of Luke*, p. 605.

<sup>63</sup> Para as migalhas que caíam da mesa, cf. nota 6 neste capítulo.

<sup>64</sup> Cf. NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*; STEIN, *Luke*, p. 423; JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible, Vol. 2*. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc, 1997, p. 116. Alguns manuscritos inclusive acrescentam “e ninguém lhe dava nada”: cf. nota 7 neste capítulo.

<sup>65</sup> Cf. seção 1.3.1 deste trabalho. Para estudiosos que pensam que o fato é positivo, cf. CALVINO, *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark, and Luke, Vol. 2*, p. 185; JAMIESON, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible, Vol. 2*, p. 116; SPROUL, *A Walk with God*, p. 315,316. Para estudiosos que entendem que o fato é negativo, cf. HENDRIKSEN, *Exposição do Evangelho de Lucas, Vol. 2*, p. 315; MORRIS, *Lucas*, p. 238; MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 636; STEIN, *Luke*, p. 423; NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*; GREEN, *The Gospel of Luke*, p. 606; BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1367. Nolland entende que os cachorros são do próprio rico. Ao invés de um servo vir alimentar Lázaro com as migalhas que caíram da mesa, os cães vêm alimentados com essas migalhas e continuam sua refeição se alimentando com o que sai das feridas de Lázaro: cf. NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*.

O nome “Lázaro” indica que, apesar de não estar sendo socorrido pelos homens (particularmente, pelo homem rico), Lázaro buscava o socorro em Deus.<sup>66</sup> O rico, por outro lado, não estava fazendo um uso correto de suas riquezas, ao viver no luxo e não ajudar o pobre Lázaro que estava à sua porta. Essa é a razão para a inversão da condição deles depois da morte que é apresentada a seguir.<sup>67</sup>

## 2.7.2 O rico e Lázaro depois da morte (vv.22-31)

Esta segunda parte contrasta a condição do rico com a de Lázaro depois da morte. Ironicamente, as condições de ambos são invertidas.

### 2.7.2.1 Descrição da situação de Lázaro e do rico (vv.22,23)

“<sup>22</sup> E aconteceu morrer o pobre e ser ele levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico e foi sepultado. <sup>23</sup> E no Hades, depois de levantar os seus olhos, estando em tormentos, vê Abraão de longe e Lázaro nos seios dele”.

Existem aqui três contrastes entre o rico e Lázaro depois da morte.

Primeiro, Lázaro morre e nada é dito sobre seu sepultamento, enquanto o rico morre e é sepultado. A omissão do sepultamento de Lázaro pode indicar que ele não foi sepultado.<sup>68</sup> Pode ter sido devorado pelos mesmos cães que se alimentavam de suas feridas enquanto em vida (cf. 1Rs 14.11; 16.4; 21.24), num aparente sinal da maldição divina. O rico, por outro lado, recebe um sepultamento apropriado, num aparente sinal da bênção divina.

A partir do segundo contraste, porém, há uma inversão entre a condição do rico e Lázaro, que mostra que, ao contrário do que parecia em vida e na hora da morte, a bênção de Deus estava com Lázaro, não com o rico. No segundo contraste, é dito que Lázaro foi “levado pelos anjos para o seio de Abraão”, enquanto nada semelhante é dito do rico. Alguns entendem que o que aconteceu com Lázaro foi uma espécie de transladação como a de Enoque e Elias (Gn 5.24; Hb 11.5; 2Rs 2.11), mas depois da morte, como supostamente teria acontecido com Moisés (cf. Dt 34.5,6; Jd 9), de acordo com a tradição judaica.<sup>69</sup> Se isso tivesse acontecido, Lázaro estaria vivo no seio de Abraão. Porém, o fato de que a ressurreição

<sup>66</sup> Para o nome “Lázaro”, cf. seção 2.6 deste trabalho.

<sup>67</sup> Cf. CALVINO, *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark, and Luke*, Vol. 2, p. 189; SPROUL, *A Walk with God*, p. 316.

<sup>68</sup> Cf. CALVINO, *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark, and Luke*, Vol. 2, p. 186; JAMIESON, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, Vol. 2, p. 116; EVANS, *The Bible Knowledge Background Commentary: Matthew–Luke*, p. 418; SPROUL, *A Walk with God*, p. 316; GREEN, *The Gospel of Luke*, p. 607.

<sup>69</sup> Cf. NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*.

de Lázaro é cogitada adiante na passagem (16.27-31) mostra que Lázaro estava morto. Portanto, é melhor entender que os anjos levaram a alma de Lázaro e não o seu corpo. É possível que isso seja uma descrição literal do que acontece com os justos na hora da morte, porque essa descrição combina com o que é dito sobre os anjos em Hb 1.14.<sup>70</sup> Sobre o significado da imagem do “seio de Abraão”, há três possibilidades: primeira, a de uma criança deitada nos braços do pai; segunda, a da proximidade de um convidado ao anfitrião num banquete (Jo 13.28); terceira, uma forma tardia da ideia de ser reunido aos seus pais (Gn 15.15).<sup>71</sup> A segunda possibilidade combina melhor tanto com a própria passagem quanto com o contexto geral de Lucas: Lázaro, que em vida não foi satisfeito com as coisas que caíam da mesa do rico (v.21), depois da morte está sendo satisfeito em uma mesa ao lado de Abraão,<sup>72</sup> e o próprio Jesus havia profetizado que muitos tomariam lugares à mesa no reino de Deus (Lc 13.29) com Abraão, Isaque e Jacó (Mt 8.11).<sup>73</sup> Nesse sentido, o termo “seio de Abraão” não é um sinônimo para “paraíso”,<sup>74</sup> mas como Abraão presumivelmente está no paraíso, estar ao lado de Abraão numa mesa significa estar no paraíso.<sup>75</sup> A imagem de Lázaro estar à mesa não deve ser tomada literalmente: primeiro, porque é apenas o espírito de Lázaro que está no seio de Abraão, e presumivelmente um espírito não se alimenta, pois, segundo Jesus, um espírito não tem carne nem ossos (Lc 24.39); segundo, porque isso é uma parábola e os detalhes não podem ser tomados literalmente.

O terceiro contraste mostra o rico no Hades, em tormentos, vendo de longe Abraão e Lázaro nos seios dele.<sup>76</sup> O Hades do Novo Testamento é o equivalente do Sheol do Antigo Testamento,<sup>77</sup> e assim como o Sheol, significa o reino dos mortos (Mt 11.23; 16.18; Lc 10.15; 16.23; At 2.27,31; Ap 1.18; 6.8; 20.13,14). Alguns argumentam que, enquanto em todo o Novo Testamento o significado de Hades é de reino dos mortos, nesta passagem Hades indica

---

<sup>70</sup> Cf. CALVINO, *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark, and Luke*, Vol. 2, p. 187.

<sup>71</sup> Cf. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 636.

<sup>72</sup> Cf. MORRIS, *Lucas*, p. 238.

<sup>73</sup> Outros estudiosos que pensam assim são: JAMIESON, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, Vol. 2, p. 116; HENDRIKSEN, *Exposição do Evangelho de Lucas*, Vol. 2, p. 316; NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*; GREEN, *The Gospel of Luke*, p. 607. Marshall entende que há uma combinação das duas primeiras possibilidades: cf. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 636. Bock rejeita que Lázaro esteja numa mesa de banquete, mas entende que o termo indica relacionamento íntimo: BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1368; O’Kane apresenta um panorama da arte cristã que representa Lázaro no seio de Abraão como uma criança nos braços do pai: O’KANE, M. “The bosom of Abraham” (Luke 16:22): father Abraham in the visual imagination. *Biblical Interpretation*, Leiden, v. 15, n. 4–5, p. 485–518, 2007.

<sup>74</sup> Sproul e Stein pensam que o termo é uma metáfora ou um termo técnico para o céu: SPROUL, *A Walk with God*, p. 316; STEIN, *Luke*, p. 424.

<sup>75</sup> Cf. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 636.

<sup>76</sup> Cf. nota 20 neste capítulo.

<sup>77</sup> Cf. seção 1.3.1 deste trabalho.

exclusivamente um lugar de punição para os ímpios.<sup>78</sup> Porém, seria estranho que apenas nesta passagem de toda a Escritura o significado de Hades fosse esse. É mais coerente com o uso escriturístico do termo que seu significado seja, aqui também, o de reino dos mortos, e que Lázaro também esteja no Hades, ainda que em um “compartimento” diferente.<sup>79</sup> Isso é indicado tanto pelo fato de que o rico consegue ver Abraão e Lázaro no seio dele (ao seu lado), quanto pelo fato de que um abismo os separa (v.26), indicando que o rico e Lázaro estão em lugares adjacentes. A imagem é de um estado (Hades) para onde todos os mortos vão, mas que tem um lugar de bem-aventurança e um de punição.<sup>80</sup> O fato de Lázaro estar no Hades e ao mesmo tempo no “seio de Abraão” não são ideias excludentes, pois na obra do próprio Lucas se pode dizer de Cristo, depois da morte, como estando “no paraíso” (Lc 23.43) e no Hades (At 2.27,31). O ato do rico de levantar os olhos para olhar Abraão e Lázaro não prova que Lázaro está num lugar mais elevado,<sup>81</sup> pois a linguagem de “levantar os olhos” na Bíblia não indica, necessariamente, olhar para o céu (cf. Gn 13.10; 18.2; 24.64; Js 5.13).<sup>82</sup> Também é importante dizer que, pelo fato de isso ser uma parábola, o ato de o rico ver Abraão e Lázaro não deve ser tomado literalmente, mas faz parte dos artifícios retóricos usados por Jesus para transmitir seus ensinamentos.<sup>83</sup> Portanto, o contraste entre o rico e Lázaro não é que o rico está no Hades, enquanto Lázaro não, mas que o rico está sendo atormentado no Hades, enquanto Lázaro, também no Hades, está no seio de Abraão (ao lado de Abraão).

Toda essa imagem só pode ser uma descrição do estado intermediário, entre a morte e a ressurreição, e não do estado eterno após a ressurreição, porque, adiante, a ressurreição de Lázaro é cogitada e os irmãos do rico ainda estão vivendo normalmente suas vidas (16.27-31).<sup>84</sup>

#### 2.7.2.2 O pedido do rico para que Lázaro lhe traga água (vv.24-26)

<sup>78</sup> Cf. HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 110; HENDRIKSEN, *Exposição do Evangelho de Lucas, Vol. 2*, p. 317; MORRIS, *Lucas*, p. 238; STEIN, *Luke*, p. 424.

<sup>79</sup> Morris argumenta que o termo Hades nunca é usado para os salvos no Novo Testamento: cf. MORRIS, *Lucas*, p. 238. Porém, o termo é usado para o próprio Cristo, que esteve no Hades, mas não permaneceu lá por causa da ressurreição (At 2.27,31). Portanto, o argumento de Morris não tem muita força.

<sup>80</sup> Para estudiosos que também pensam assim, cf. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 637; GREEN, *The Gospel of Luke*, p. 607. Bock reconhece que há ambiguidade no termo Hades tanto no judaísmo quanto no Novo Testamento, e embora afirme que Lázaro não está no Hades no sentido negativo, também afirma que não está claro que ele não esteja em um compartimento diferente do Hades: cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1370.

<sup>81</sup> Ao contrário do que parece supor Nolland: cf. NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*.

<sup>82</sup> Cf. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 637; STEIN, *Luke*, p. 424.

<sup>83</sup> Cf. CALVINO, *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark, and Luke, Vol. 2*, p. 188,189; STEIN, *Luke*, p. 424.

<sup>84</sup> Cf. EDWARDS, *The “Blank Bible”*, p. 912; MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 636.

Depois da descrição da situação do rico e Lázaro com três contrastes, é narrado um diálogo entre o rico e Abraão, no qual o rico faz dois pedidos e Abraão responde com importantes verdades sobre o estado intermediário. Os diálogos são parte do recurso retórico da parábola, por meio dos quais Jesus (e Lucas) deseja transmitir seus ensinamentos. Não se deve pensar que no estado intermediário seja possível a comunicação entre pessoas no lugar de castigo e no lugar de consolo.<sup>85</sup> O primeiro pedido do rico é para que Lázaro lhe traga água.

#### 2.7.2.2.1 Pedido (v.24)

“<sup>24</sup> E ele, depois de clamar, disse: ‘pai Abraão, tem misericórdia de mim e envia Lázaro a fim de que mergulhe a ponta do seu dedo na água e refresque a minha língua, porque estou sendo atormentado nesta chama’”.

O rico agora se dirige a Abraão e lhe faz um primeiro pedido. Ao se dirigir a Abraão, o rico lhe chama de “pai Abraão” (e quando Abraão responde no v.25, lhe chama de “filho” [τέκνον]). Isso se deve ao fato de que o rico é um judeu e, como tal, filho biológico de Abraão.<sup>86</sup> A prova é que outras pessoas também são chamadas de filhas de Abraão em Lucas pelo fato de serem judias: uma mulher a quem Satanás trazia presa há dezoito anos é chamada de “filha de Abraão” (θυγατέρα Ἀβραάμ: Lc 13.16) e Zaqueu é chamado de “filho de Abraão” (υἱὸς Ἀβραάμ: Lc 19.9), e os termos são usados para descrevê-los antes da sua conversão.<sup>87</sup> O rico chama Abraão de pai confiando que sua relação biológica com ele poderá ajudá-lo de alguma forma, mas João Batista havia advertido os judeus contra essa vã confiança (Lc 3.8).<sup>88</sup> Uma relação meramente biológica não basta (cf. Lc 8.19-21; 11.27,28).

O rico pede misericórdia (cf. Lc 17.13; 18.38,39) e que Abraão envie Lázaro para molhar a ponta do dedo em água e refrescar a sua língua. É interessante observar que o rico pede misericórdia, sendo que nunca a demonstrou, pede que Lázaro seja o instrumento da

---

<sup>85</sup> Cf. CALVINO, *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark, and Luke*, Vol. 2, p. 188,189; STEIN, *Luke*, p. 424.

<sup>86</sup> Cf. JAMIESON, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, Vol. 2, p. 116; HENDRIKSEN, *Exposição do Evangelho de Lucas*, Vol. 2, p. 319; STEIN, *Luke*, p. 424; NOLLAND, *Luke 9:21-18:34*. Porém, para Calvino, o fato de Abraão chamá-lo de filho é uma ironia: cf. CALVINO, *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark, and Luke*, Vol. 2, p. 189. Morris entende que o fato de o rico chamar Abraão de pai é um tratamento de deferência e Abraão chamá-lo de filho é tratamento de ternura: MORRIS, *Lucas*, p. 238. Marshall entende que não fica claro se isso é um tratamento meramente formal ou representa uma aceitação da reivindicação de parentesco do rico: MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 638.

<sup>87</sup> Cf. STEIN, *Luke*, p. 424.

<sup>88</sup> Cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1371.

misericórdia, o qual nunca foi alvo da misericórdia do rico,<sup>89</sup> e pede isso a Abraão, quando nunca procurou imitar a fé de Abraão.<sup>90</sup> Também é digno de nota que agora o rico é que se tornou o pedinte no lugar de Lázaro<sup>91</sup> e que, assim como Lázaro nesta vida desejava ser alimentado apenas com as coisas que caíam da mesa do rico, o rico deseja ser saciado apenas com a água que cair do dedo molhado de Lázaro.<sup>92</sup> Assim como outras coisas na parábola, a ideia de Lázaro molhar o dedo em água para refrescar a língua do rico é apenas uma imagem para ilustrar o fato de que o rico deseja ter seu sofrimento aliviado.

O motivo do pedido é que o rico está sendo atormentado na chama do compartimento do Hades em que se encontra. A imagem de fogo no lugar de castigo é comum na Bíblia (Is 66.24; Mt 5.22; 13.40,42,50; 18.8,9; 25.41; Mc 9.43-48; Jd 7; Ap 14.10; 19.20; 20.10,14,15; 21.8), mas sempre em referência ao estado eterno de punição (γέεννα [Geenna]), nunca em relação ao estado intermediário do Hades. É possível imaginar fogo literal no estado eterno de punição, onde as pessoas serão punidas com suas almas e corpos (Mt 10.28). É mais difícil, porém, conceber isso no estado intermediário, onde só as almas estão sendo punidas. Por essa razão, e pelo fato de essa história se constituir numa parábola, a ideia de “chama” aqui não deve ser tomada de forma muito literal.<sup>93</sup> O objetivo é apenas mostrar que o rico está sendo castigado.

#### 2.7.2.2.2 Resposta: Improriedade do pedido (v.25)

“<sup>25</sup> Disse, porém, Abraão: ‘filho, lembra-te que recebeste as tuas coisas boas na tua vida, e Lázaro, igualmente, as más; agora, porém, aqui está sendo consolado, tu, porém, estás sendo atormentado’”.

Abraão responde ao pedido do rico de duas formas. Primeiro, ele mostra que esse é um pedido impróprio. Ele faz isso resumindo a inversão na condição do rico e Lázaro que é descrita nos vv.22,23. Nesta vida o rico recebeu coisas boas, enquanto Lázaro recebeu coisas más; depois da morte, a condição se inverteu, e o rico está sendo atormentando, enquanto Lázaro está sendo consolado. Isso não significa que o rico está sendo atormentado por ter sido rico e que o pobre está sendo consolado por ter sido pobre. Abraão, por exemplo, também foi muito rico (Gn 13.2) e está no lugar de consolo. O rico está sendo atormentado por não ter

<sup>89</sup> Cf. JAMIESON, *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible*, Vol. 2, p. 116,117.

<sup>90</sup> Cf. HENDRIKSEN, *Exposição do Evangelho de Lucas*, Vol. 2, p. 318; MORRIS, *Lucas*, p. 238; MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 637.

<sup>91</sup> Cf. SPROUL, *A Walk with God*, p. 317.

<sup>92</sup> Cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1367.

<sup>93</sup> Cf. HENDRIKSEN, *Exposição do Evangelho de Lucas*, Vol. 2, p. 318.

usado suas riquezas para ajudar Lázaro (por ser avarento como os fariseus: cf. Lc 16.14) e Lázaro está sendo consolado por ter feito de Deus seu socorro quando não houve socorro humano.<sup>94</sup> E por essa razão, o pedido do rico é impróprio, porque é contrário aos requisitos da justiça: não é justo que ele, que em sua riqueza não socorreu o pobre Lázaro em vida, agora em sua pobreza espiritual seja socorrido pelo rico espiritual Lázaro após a morte.<sup>95</sup>

#### 2.7.2.2.3 Resposta: Impossibilidade do pedido (v.26)

“<sup>26</sup> E, além de tudo isso, entre nós e vós um grande abismo está estabelecido, de maneira que os que querem passar daqui para vós não podem, nem daí para nós passam”.

Uma segunda forma de Abraão responder ao pedido do rico é mostrar que esse é um pedido impossível. Abraão fala de um grande abismo que está estabelecido (por Deus)<sup>96</sup> e que separa o lugar onde ele está com Lázaro do lugar onde o rico está, de tal modo que passar de um lugar para o outro é impossível. Essa é mais uma figura da parábola e seu propósito é mostrar a irreversibilidade da condição de alguém após a morte.<sup>97</sup> Uma vez que alguém tenha morrido, sua condição está determinada e não pode mais ser alterada.

#### 2.7.2.3 *O pedido do rico para que Lázaro avise seus irmãos (vv.27-31)*

Tendo seu primeiro pedido rejeitado por Abraão, o rico agora faz um segundo pedido, no sentido de que Lázaro avise os seus irmãos.

##### 2.7.2.3.1 Pedido (vv.27,28)

“<sup>27</sup> Disse, porém: ‘Rogo-te, então, pai, que o envies para a casa do meu pai, <sup>28</sup> pois tenho cinco irmãos, de maneira que os avise, a fim de que não venham também eles para este lugar de tormento’”.

O rico continua chamando Abraão de “pai”. Ele pede que Abraão envie Lázaro para a casa de seu pai, para avisar seus cinco irmãos, de modo que não vão para o mesmo lugar de tormento que ele. Apesar disso parecer um primeiro sinal de compaixão da parte do rico, é mais provável que seja uma forma egoísta de dizer que, se ele mesmo tivesse sido avisado,

---

<sup>94</sup> Cf. seção 2.7.1.2 deste trabalho.

<sup>95</sup> Cf. HENDRIKSEN, *Exposição do Evangelho de Lucas, Vol. 2*, p. 319; BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1372,1373.

<sup>96</sup> Cf. nota 26 neste capítulo.

<sup>97</sup> Cf. CALVINO, *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark, and Luke, Vol. 2*, p. 190,191; HENDRIKSEN, *Exposição do Evangelho de Lucas, Vol. 2*, p. 319.

não estaria nesse lugar de tormento.<sup>98</sup> O rico, assim, assume que somente um aviso de alguém que já morreu poderia salvá-lo e salvar seus irmãos.

#### 2.7.2.3.2 Resposta: Suficiência das Escrituras (v.29)

“<sup>29</sup> Diz, porém, Abraão: ‘têm Moisés e os profetas; ouçam-nos’”.

A resposta de Abraão indica que um aviso de um morto é desnecessário, porque os irmãos do rico já têm Moisés (a Lei) e os Profetas, o que indica as Escrituras do Antigo Testamento.<sup>99</sup> Em outras palavras, as Escrituras são suficientes. Se eles derem ouvidos ao que as Escrituras falam sobre como se deve usar as riquezas e tratar os pobres,<sup>100</sup> eles não irão ao lugar de tormento em que o rico se encontra.<sup>101</sup>

#### 2.7.2.3.3 Réplica: Arrependimento por meio de um sinal (v.30)

“<sup>30</sup> Ele, porém, disse: ‘não, pai Abraão, mas se<sup>102</sup> alguém dentre os mortos for até eles, arrepender-se-ão’”.

O rico replica insistindo em sua suposição de que um aviso de um morto provocará arrependimento em seus irmãos. Ao fazer isso, ele discorda de que as Escrituras são suficientes e acredita que um sinal terá mais eficácia em convencer do que elas.<sup>103</sup>

#### 2.7.2.3.4 Tréplica: Rejeitar as Escrituras implica em rejeitar o sinal (v.31)

“<sup>31</sup> Disse-lhe, porém: ‘se<sup>104</sup> a Moisés e aos profetas não estão ouvindo, nem se<sup>105</sup> alguém dentre os mortos ressuscitar serão persuadidos’”.

Por fim, Abraão faz uma tréplica em que mostra que rejeitar as Escrituras implica em rejeitar o sinal. Se os irmãos do rico não estão dando ouvidos às Escrituras (e eles não estão),<sup>106</sup> eles também não serão persuadidos por um sinal, mesmo que esse sinal seja a

---

<sup>98</sup> Cf. HENDRIKSEN, *Exposição do Evangelho de Lucas*, Vol. 2, p. 319,320; MORRIS, *Lucas*, p. 239.

<sup>99</sup> Cf. MORRIS, *Lucas*, p. 239; EVANS, *The Bible Knowledge Background Commentary: Matthew–Luke*, p. 419.

<sup>100</sup> Cf. seção 1.3.1 deste trabalho.

<sup>101</sup> Cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1375.

<sup>102</sup> Cf. nota 30 neste capítulo.

<sup>103</sup> Cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1375,1376.

<sup>104</sup> Cf. nota 31 neste capítulo.

<sup>105</sup> Cf. nota 33 neste capítulo.

<sup>106</sup> Cf. nota 31 neste capítulo.



ressurreição de um morto. Jesus condena em outro lugar deste Evangelho a exigência de sinais para alguém ser convencido (Lc 11.16,29-32).<sup>107</sup>

Essa conclusão da parábola foi comprovada de forma bastante significativa depois da ressurreição de Jesus (e de Lázaro), quando, diante de um sinal tão impressionante, muitos judeus continuaram incrédulos.<sup>108</sup>

## 2.8 MENSAGEM PARA A ÉPOCA DA ESCRITA

De acordo com toda a argumentação precedente, a mensagem desta passagem para a época da escrita é que a condição do rico avarento será invertida após a morte (v. 25) de forma irreversível (v. 26) e que a única forma de se evitar esse destino é através de ouvir às Escrituras do Antigo Testamento (v. 29), não de contemplar milagres (v. 31).<sup>109</sup>

O objetivo pretendido por Lucas ao registrar essa parábola de Jesus era motivar seus leitores gentios, alguns deles ricos (como Teófilo),<sup>110</sup> a usarem seus bens para ajudar os pobres, de acordo com o ensino das Escrituras do Antigo Testamento, em face do juízo futuro contra aqueles que não o fizeram.

---

<sup>107</sup> Cf. BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1376,1377.

<sup>108</sup> Cf. seção 1.3.2 deste trabalho.

<sup>109</sup> Cf. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, p. 632; EVANS, *The Bible Knowledge Background Commentary: Matthew–Luke*, p. 417; HENDRIKSEN, *Exposição do Evangelho de Lucas*, Vol. 2, p. 317; STEIN, *Luke*, p. 426,427; BOCK, *Luke 9:51-24:53*, p. 1361.

<sup>110</sup> Cf. seção 1.1 deste trabalho.

### **3 ESTUDO TEOLÓGICO**

Neste último capítulo, procura-se demonstrar que a passagem de Lucas 16.19-31 é relevante para os homens e mulheres do século 21. Isso é feito apresentando-se a mensagem da passagem para hoje e a teologia do texto, com implicações para a teologia bíblica, sistemática e prática.

#### **3.1 MENSAGEM PARA HOJE**

Não há grandes mudanças entre a mensagem da passagem para a época da escrita e para hoje. A única diferença é que hoje as Escrituras às quais se deve dar ouvidos incluem o Novo Testamento (inclusive a parábola do rico e Lázaro), que não estava escrito quando Jesus contou essa parábola e não estava concluído quando Lucas a registrou em seu Evangelho. Desse modo, a mensagem desta passagem para hoje pode ser afirmada como sendo que a condição do rico avaro será invertida após a morte (v. 25) de forma irreversível (v. 26) e que a única forma de se evitar esse destino é através de ouvir as Escrituras (v. 29), não de contemplar milagres (v. 31).

O objetivo pretendido por quem pregar essa parábola para um público do século 21 deve ser o mesmo de Lucas, qual seja, motivar seus ouvintes a usarem seus bens para ajudar os pobres, de acordo com o ensino das Escrituras, em face do juízo futuro contra aqueles que não o fizerem. Afinal, assim como naqueles dias havia ricos que faziam um mau uso das suas riquezas e não ajudavam os pobres, assim também há nos dias atuais. Talvez, com o desenvolvimento econômico do mundo Ocidental nos últimos duzentos anos, a tentação de usar mal as riquezas e desprezar os que têm menos seja até maior do que nos tempos bíblicos.

#### **3.2 TEOLOGIA DO TEXTO**

Nesta seção, a teologia do texto é apresentada em termos de suas aplicações para três áreas da teologia: teologia bíblica, teologia sistemática e teologia prática.

##### **3.2.1 Implicações para a Teologia Bíblica**

A grande contribuição da parábola do rico e Lázaro para a teologia bíblica tem relação com a progressividade da revelação em relação ao estado intermediário.

No Antigo Testamento, o Sheol é visto como um estado para o qual todos os mortos indistintamente vão, justos e ímpios.<sup>1</sup> Apesar de algumas passagens indicarem que Deus não abandonará o seu povo no Sheol e os habilitará a desfrutar de comunhão contínua com ele (Sl 16.9-11; 49.15; Jó 19.25,26),<sup>2</sup> essas passagens podem estar relacionadas com a promessa da ressurreição e não indicam, necessariamente, uma diferença entre justos e ímpios no estado intermediário.<sup>3</sup> As melhores pistas do Antigo Testamento para uma diferença entre justos e ímpios no estado intermediário são a transladação de Enoque, quando Deus o tomou para si (Gn 5.24), e o Sl 73.24, onde Asafe, depois de descrever o destino dos ímpios, fala sobre ele mesmo ser “recebido na glória”, o que, à luz do v.26, parece indicar algo que acontece depois da morte.<sup>4</sup> Ainda assim, essas não são nada mais do que pistas.

Nesse sentido, a parábola do rico e Lázaro desenvolve a revelação veterotestamentária sobre o estado intermediário, mostrando que há uma diferença entre justos e ímpios no Sheol/Hades, com os justos desfrutando de consolo e os ímpios, de tormento (Lc 16.22-25), e que essa diferença é irreversível (Lc 16.26).<sup>5</sup>

### 3.2.2 Implicações para a Teologia Sistemática

A parábola do rico e Lázaro tem implicações para três áreas da teologia sistemática: bibliologia, particularmente a doutrina da suficiência das Escrituras; escatologia, em especial a doutrina do estado intermediário; e ética cristã, em relação ao uso correto da propriedade.

#### 3.2.2.1 Bibliologia: A suficiência das Escrituras

A bibliologia trata da doutrina das Escrituras, que inclui a suficiência. A doutrina da suficiência das Escrituras pode ser descrita no sentido de que “a Bíblia contém todas as palavras divinas que Deus quis dar ao seu povo em cada estágio da história da redenção e que hoje contém todas as palavras de Deus que precisamos para a salvação, para que, de maneira perfeita, nele possamos confiar e a ele obedecer”.<sup>6</sup>

A parábola do rico e Lázaro funciona como mais uma prova dessa doutrina, pois em resposta ao segundo pedido do rico (Lc 16.27,28), que pede por um sinal para que seus irmãos se convertam, Abraão deixa bem claro que as Escrituras são suficientes para que alguém saiba

<sup>1</sup> Cf. seção 1.3.1 deste trabalho.

<sup>2</sup> Cf. LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 259.

<sup>3</sup> Cf. HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 107-109.

<sup>4</sup> Cf. HOEKEMA, *A Bíblia e o futuro*, p. 108,109.

<sup>5</sup> Cf. GUTHRIE, Donald. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 825.

<sup>6</sup> GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 86.

o que é necessário para a salvação (Lc 16.29-31). Milagres são desnecessários para alguém que dá ouvidos às Escrituras e, negativamente, milagres são insuficientes para alguém que não dá ouvidos às Escrituras.

### 3.2.2.2 *Escatologia: O estado intermediário*

A escatologia é a doutrina das últimas coisas, que inclui a doutrina do estado intermediário, entre a morte e a ressurreição. A parábola do rico e Lázaro traz muitas contribuições para essa doutrina, especialmente em relação ao estado do ímpio no estado intermediário. Na verdade, sem esta passagem, saberíamos pouco ou nada sobre o estado do ímpio entre a morte e a ressurreição.<sup>7</sup>

Como a passagem é uma parábola, não se pode tomar todos os detalhes como uma descrição literal do que seja o estado intermediário.<sup>8</sup> Por exemplo, a imagem implícita de Lázaro assentado a uma mesa de banquete com Abraão (16.22,23), a imagem do rico em chamas (16.24), o abismo separando os dois lugares (16.26), a menção à água (16.24), as descrições corporais do rico e Lázaro (dedo, língua: 16.24), a possibilidade das pessoas no lugar de tormento e no lugar de consolo verem-se e conversarem entre si (16.23-31), todas elas são detalhes que não devem ser tomados literalmente. Alguns deles têm significados (a mesa de banquete significa o consolo dos justos, as chamas significam o tormento dos ímpios, o abismo indica a irreversibilidade da condição de alguém após a morte, o desejo do rico por água significa o desejo dele por ser livre do tormento), enquanto outros são apenas recursos retóricos (as descrições corporais e as comunicações entre pessoas do lugar de consolo e do lugar de tormento).

Porém, apesar de ser uma parábola, esta passagem ensina algumas verdades bem definidas sobre o estado intermediário.<sup>9</sup> Se essas verdades forem negadas, a parábola não transmite nenhum significado. Primeiro, existe um estado intermediário depois da morte, que inclui um lugar de consolo para os justos e um lugar de castigo para os ímpios (16.22,23,25). Segundo, existe consciência e lembrança após a morte (16.27,28), do contrário o consolo e o castigo não seriam possíveis. A consciência é necessária para o desfrute do consolo ou do castigo, e a lembrança é necessária para se reconhecer a justiça do consolo ou do castigo. Terceiro, não é possível mudar do lugar de castigo para o de consolo, ou vice-versa (16.26).

<sup>7</sup> A única outra passagem da Bíblia que possivelmente trata do assunto é 2Pe 2.9.

<sup>8</sup> O que segue é um resumo do que foi comentado na seção 2.7 deste trabalho.

<sup>9</sup> Que o que ela diz tem relação com o estado intermediário, e não com o estado eterno, pode ser percebido no fato de que a ressurreição de Lázaro é cogitada (o que indica que ele está morto) e os irmãos do rico ainda estão vivos (Lc 16.27-31): cf. seção 2.7.2.1 deste trabalho.

Uma vez que alguém tenha morrido, sua condição não pode ser alterada. E por fim, o que define o destino de alguém é sua resposta às Escrituras (16.29,31), inclusive em relação ao cuidado com os pobres.<sup>10</sup>

### 3.2.2.3 *Ética cristã: O uso correto da propriedade*

A ética cristã está resumida nos dez mandamentos (Êx 20.1-17) que, por sua vez, se resumem em amar a Deus e ao próximo (Mt 22.37-40). O oitavo mandamento, “Não furtarás” (Êx 20.15), trata sobre a propriedade. Entre os deveres exigidos nesse mandamento, estão “dar e emprestar livremente, conforme as nossas forças e as necessidades de outrem; a moderação de nossos juízos, vontades e afetos, em relação às riquezas deste mundo; [...] e um esforço por todos os modos justos e lícitos para adquirir, preservar e adiantar a riqueza e o estado exterior, tanto de outros como o nosso”. E entre os pecados proibidos nesse mandamento, estão “a opressão, [...] a cobiça, a estima e o amor desordenado aos bens mundanos, os cuidados e esforços receosos e demasiados em obtê-los, guardá-los e usar deles”.<sup>11</sup>

Nesse sentido, a passagem de Lc 16.19-31 (juntamente com Lc 16.14-18 e também Lc 16.1-13) contribui para o ensino da ética cristã sobre a propriedade ao apresentar um exemplo negativo do uso da propriedade e as consequências de tal procedimento. O rico é uma pessoa avarenta (cf. Lc 16.14) que, por consequência, não utiliza dos recursos que Deus lhe deu para ajudar os seus semelhantes (em especial, o pobre Lázaro) e, por isso, vai para um lugar de tormento no estado intermediário.

Esta passagem, porém, não pode ser aplicada às questões da pobreza e da riqueza de uma forma semelhante à que faz a teologia da libertação. Como argumentado ao se comentar a passagem,<sup>12</sup> a parábola não exalta a pobreza em si mesma, nem condena a riqueza em si mesma, assim como não o faz o restante da Escritura. Não há pecado na propriedade privada em si mesma (o oitavo mandamento a pressupõe), e nem é o objetivo de Deus que ela seja eliminada (cf. At 5.3,4). O ponto é que a propriedade privada é, na verdade, a propriedade de Deus que os seres humanos devem administrar corretamente como mordomos (Lc 16.1-13), e essa administração inclui ajudar aqueles que precisam (cf. Ef 4.28). Deus abençoa os seres

---

<sup>10</sup> Talvez também seja possível afirmar, com base nessa passagem, que os anjos levam a alma dos justos para o lugar de consolo (16.22; cf. Hb 1.14; seção 2.7.2.1 deste trabalho) e que a única forma de um morto se comunicar com os vivos é através de uma ressurreição (16.31). Essa última afirmação, porém, pode encontrar certa dificuldade no fato de que Jesus conversou com Moisés (Lc 9.30,31), o qual, se não ressuscitou (cf. Jd 9), estava morto.

<sup>11</sup> CATECISMO MAIOR DE WESTMINSTER. In: SÍMBOLOS DE FÉ. São Paulo: Cultura Cristã, 2005, perguntas 141 e 142.

<sup>12</sup> Cf. seções 2.7.1.2 e 2.7.2.2.2 deste trabalho.

humanos com abundância “Para termos o suficiente para vivermos e então usar o restante para todo tipo de boa ação que alivia a miséria espiritual e física. Suficiente para nós; abundância para os outros”.<sup>13</sup>

### **3.2.3 Implicações para a Teologia Prática**

A principal aplicação desta passagem para a teologia prática (além do que já foi dito em relação à ética cristã) tem relação com a área da homilética e do aconselhamento. Ela ensina que, para incentivar as pessoas a algum dever, pode-se e deve-se usar não só promessas de recompensa, mas também ameaças de castigo. A parábola do rico e Lázaro é uma ameaça de castigo contra aqueles que não cumprem o dever de usarem corretamente seus recursos, inclusive para ajudar os pobres, e o propósito de Jesus (e de Lucas) com essa parábola é exatamente incentivar os ouvintes a tal dever.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> PIPER, John. *Em busca de Deus: a plenitude da alegria cristã*. 2.ed. São Paulo: Shedd, 2008, p. 169.

<sup>14</sup> Cf. seções 2.8 e 3.1.

## CONCLUSÃO

Portanto, a ideia exegética do texto é que a condição do rico avarento será invertida após a morte (v. 25) de forma irreversível (v. 26) e que a única forma de se evitar esse destino é através de ouvir as Escrituras (v. 29), não de contemplar milagres (v. 31).

Os problemas exegéticos apresentados pela passagem de Lucas 16.19-31, mencionados na introdução, foram resolvidos no decorrer deste trabalho. Agora, para concluir, as soluções são reunidas aqui de forma resumida.

Sobre os problemas contextuais, a passagem recebe uma influência judaica mais direta, e uma influência indireta egípcia e greco-romana, nesta ordem. Porém, essas influências externas não podem ser usadas como uma chave hermenêutica para a interpretação da parábola.<sup>1</sup> A passagem se relaciona com o seu contexto literário imediato, especialmente os versos anteriores do capítulo 16 (vv.14-18), “tanto como um exemplo (16.19-26) de um homem que era um amante do dinheiro (16.14) e que tolamente fez um uso pobre das suas possessões (16.9-13), quanto como um exemplo (16.27-31) de validade contínua da lei e dos profetas (16.16-18)”.<sup>2</sup> Não há relação entre o Lázaro da parábola com o Lázaro de Betânia, mas é possível que Lucas tenha acrescentado o nome de “Lázaro” na parábola contada por Jesus para associar a ressurreição hipotética deste Lázaro com a ressurreição factual daquele Lázaro.<sup>3</sup> Existe uma alusão à ressurreição de Jesus, pelo menos na intenção de Lucas ao registrar a parábola, e talvez na intenção de Jesus ao contá-la.<sup>4</sup>

Quanto aos problemas literários, a passagem é uma parábola, mais especificamente uma história exemplo, e não uma história real.<sup>5</sup> Apesar de ser uma parábola, um dos personagens é chamado pelo nome (Lázaro) porque o significado do seu nome pode indicar que era um pobre que confiava em Deus e o fato de ser nomeado, enquanto o rico não foi, pode ser uma antecipação da inversão da condição deles após a morte.<sup>6</sup> O fato de que o gênero desta passagem é parábola indica que os detalhes sobre o estado intermediário não podem ser tomados literalmente, mas apenas os ensinamentos principais da parábola.<sup>7</sup> As descrições literais que a passagem apresenta sobre a vida após a morte tem relação com o fato de que

---

<sup>1</sup> Cf. seção 1.1 deste trabalho.

<sup>2</sup> STEIN, Robert H. *Luke*. Nashville, TN: Broadman, 1992, p. 421. Minha tradução. Cf. seção 1.2.3 deste trabalho.

<sup>3</sup> Cf. seção 1.3.2 deste trabalho.

<sup>4</sup> Cf. seção 1.3.2 deste trabalho.

<sup>5</sup> Cf. seção 2.6 deste trabalho.

<sup>6</sup> Cf. seção 2.6 deste trabalho.

<sup>7</sup> Cf. seção 3.2.2.2 deste trabalho.

existe um estado intermediário depois da morte com consciência e lembrança, que inclui um lugar de consolo para os justos e um lugar de castigo para os ímpios, sem que seja possível uma mudança de condição após a morte.<sup>8</sup>

Sobre os problemas semânticos, o fato de os cães lamberem as feridas de Lázaro é algo negativo.<sup>9</sup>

Em relação aos problemas teológicos, o seio de Abraão é uma linguagem que indica que Lázaro estava no mesmo lugar que Abraão, particularmente numa mesa, reclinado sobre o peito de Abraão.<sup>10</sup> O Hades é o lugar para onde os mortos vão, que inclui um lugar de castigo.<sup>11</sup> O abismo que separa o seio de Abraão do Hades é apenas uma figura da irreversibilidade da condição após a morte.<sup>12</sup> O pobre vai para o seio de Abraão por ter confiado em Deus e o rico vai para o Hades por ter feito um mau uso das riquezas, não ajudando o pobre Lázaro, rejeitando o ensino do Antigo Testamento.<sup>13</sup> O rico chama Abraão de “pai” e é chamado por Abraão de “filho” porque essa relação de parentesco realmente existe fisicamente, mas não espiritualmente.<sup>14</sup> Esta passagem não pode ser aplicada às questões da pobreza e da riqueza de uma forma semelhante à que faz a teologia da libertação, porque a passagem não exalta a pobreza em si mesma, nem condena a riqueza em si mesma.<sup>15</sup>

Por fim, esta é uma passagem muito rica, que certamente exige mais estudos para se determinar com cada vez mais precisão o quanto das descrições sobre o estado intermediário pode ser tomado como factual, e para aplicá-la a problemas específicos relacionados à pobreza e à riqueza.

---

<sup>8</sup> Cf. seção 3.2.2.2 deste trabalho.

<sup>9</sup> Cf. seção 2.7.1.2 deste trabalho.

<sup>10</sup> Cf. seção 2.7.2.1 deste trabalho.

<sup>11</sup> Cf. seções 2.7.2.1 deste trabalho.

<sup>12</sup> Cf. seção 2.7.2.2.3 deste trabalho.

<sup>13</sup> Cf. seções 2.7.1.2 e 2.7.2.2.2 deste trabalho.

<sup>14</sup> Cf. seção 2.7.2.2.1 deste trabalho.

<sup>15</sup> Cf. seção 3.2.2.3 deste trabalho.



## REFERÊNCIAS

- ALAND, K.; ALAND, B.; et al. *Novum Testamentum Graece*. 28.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- ARNDT, W. et al. *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. 3.ed. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- BEALE, G. K.; CARSON, D. A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- BOCK, Darrell L. *Luke 9:51-24:53*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1996.
- CADBURY, H. J. A proper name for Dives. *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, GA, v. 81, n. 4, p. 399–402, dez. 1962. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLA0000682197&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 26 set. 2018.
- CADBURY, H. J. Name for Dives. *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, GA, v. 84, n. 1, p. 73, mar. 1965. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLA0000705194&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 26 set. 2018.
- CALVINO, João; PRINGLE, W. *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark, and Luke, Vol. 2*. Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2010.
- CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- EDWARDS, Jonathan. *The “Blank Bible”*. New Haven; London: Yale University Press, 2006.

EVANS, Craig A. *The Bible Knowledge Background Commentary: Matthew–Luke*. Colorado Springs, CO: David C Cook, 2003.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lê(s)?: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GILMOUR, M. J. Hints of Homer in Luke 16:19-31. *Didaskalia*, Otterburne, MB, v. 10, n. 2, p. 23–33, mar./mai. 1999. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLA0000986554&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 26 set. 2018.

GREEN, Joel B. *The Gospel of Luke*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997.

GRESSMANN, H. Vom reichen Mann und armen Lazarus: eine literargeschichtliche Studie, *Philosophisch-historische Klasse*, Berlin, n. 7, 1918.

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GUTHRIE, Donald. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HARVEY, John D. *Interpretação das Cartas Paulinas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

HENDRIKSEN, William. *Exposição do Evangelho de Lucas, Vol. 2*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

HERTIG, P. The Jubilee Mission of Jesus in the Gospel of Luke: Reversals of Fortunes. *Missiology*, London, v. 26, n. 2, p. 167–179, abr. 1998. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLA0000992019&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 26 set. 2018.

HOCK, R. F. Lazarus and Micylus: Greco-Roman backgrounds to Luke 16:19-31. *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, GA, v. 106, n. 3, p. 447–463, set. 1987. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLA0000982501&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 26 set. 2018.

HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. *Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible, Vol. 2*. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc, 1997.

KILGALLEN, J. J. Luke 15 and 16: A Connection. *Biblica*, Roma, v. 78, n. 3, p. 369–376, 1997. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLA0001025347&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 26 set. 2018.

KOEHLER, L. et al. *The Hebrew and Aramaic lexicon of the Old Testament*. Edição eletrônica. Leiden: E.J. Brill, 1994–2000.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

MARSHALL, I. Howard. *The Gospel of Luke*. Exeter, UK: The Paternoster, 1978.

METZGER, B. M. *A textual commentary on the Greek New Testament*. 4.ed. Londres: United Bible Societies, 1994.

MORRIS, Leon. *Lucas: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

NOLLAND, John. *Luke 9:21-18:34*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1993.

O’KANE, M. “The bosom of Abraham” (Luke 16:22): father Abraham in the visual imagination. *Biblical Interpretation*, Leiden, v. 15, n. 4–5, p. 485–518, 2007. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLA0001624526&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 26 set. 2018.

PIPER, John. *Em busca de Deus: a plenitude da alegria cristã*. 2.ed. São Paulo.

REGALADO, F. O. The Jewish background of the Parable of the Rich Man and Lazarus. *The Asia Journal of Theology*, Quezon City, Filipinas, v. 16, n. 2, p. 341–348, out. 2002.

Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLA0001339039&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 26 set. 2018.

SÍMBOLOS DE FÉ. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

SPROUL, R. C. *A walk with God: an exposition of Luke*. Great Britain: Christian Focus Publications, 1999.

STEIN, Robert H. *Luke*. Nashville, TN: Broadman, 1992.

STORY, J. L. Twin parables of stewardship in Luke 16. *American Theological Inquiry*, Minneapolis, MN, v. 2, n. 1, p. 105–120, 15 jan. 2009. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLA0001763118&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 26 set. 2018.